

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

NÁDLA BELGA ALVES OLIVEIRA

**OS DEPÓSITOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS COM A IGREJA NOSSA
SENHORA DA PENHA DE FRANÇA- CORUMBÁ DE GOIÁS**

GOIÂNIA

2021/1

NÁDLA BELGA ALVES OLIVEIRA

**OS DEPÓSITOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS COM A IGREJA NOSSA
SENHORA DA PENHA DE FRANÇA- CORUMBÁ DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, da Universidade Católica de Goiás para obtenção do título de bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Ma. Cristiane Loriza Dantas

GOIÂNIA

2021/1

NÁDLA BELGA ALVES OLIVEIRA

OS DEPÓSITOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS COM A IGREJA NOSSA
SENHORA DA PENHA DE FRANÇA- CORUMBÁ DE GOIÁS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Antropologia pela Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, pela banca constituída pelos professores:

Prof ^a . Ma. Cristiane Loriza Dantas (Orientadora)	IGPA	Nota
Prof ^a .Leila Miguel Fraga	IGPA	Nota
Prof ^a . Ludimilia Justino de Melo Vaz	IGPA	Nota

GOIÂNIA

2021/1

Dedico essa monografia ao meu querido e amado filho Guilherme, a minha mãe Abadia e minha irmã Naiane por serem tudo na minha vida e pela compreensão da ausência no decorrer do curso, que só Deus sabe o quanto foi doloroso, mas necessário.

Ao meu querido pai Amarildo, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria e por ser meu refúgio nos momentos mais difíceis da minha vida. A minha orientadora Cristiane Loriza pela ajuda e compreensão. As minhas grandes amigas Ana Paula e Giana Kharly que estavam sempre prontas a me ajudar. Ao meu cunhado Flávio e ao meu padrasto Lázaro pelas mensagens de motivação e apoio. A toda equipe da Fundação Aroeira por permitir a conciliação entre o trabalho e a graduação. As minhas amigas de curso Andréia, Eliabe, Fernanda, Luana, Maria Eduarda, Natália e Susan, que nunca mediram esforços para me ensinar, aconselhar e acalantar. Aos amigos do curso, pela amizade e companheirismo, em especial ao Caio Ruiberte, e Gustavo do Vale e a todos aqueles que não foram citados, mas de alguma maneira contribuíram para que esse objetivo fosse atingido, fica a minha gratidão.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa os depósitos arqueológicos da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França, localizada na cidade histórica de Corumbá de Goiás, com o objetivo geral de compreender o contexto arqueológico e seus significados identificados na área da Igreja. A análise dos contextos arqueológicos pautou-se nos dados coletados durante o processo de restauração da Igreja realizado em 2014 pela empresa Marsou Engenharia Ltda e coordenado pela Arqueóloga Ma. Cristiane Loriza Dantas. O referencial teórico-metodológico está respaldado na Arqueologia Urbana, uma vez que por meio do estudo arqueológico do templo religioso é possível investigar as relações culturais e sociais da sociedade. Também utilizou-se pressupostos da Arqueologia das práticas mortuárias, pois foram identificados esqueletos e seus acompanhamentos que tratam dos rituais fúnebres. Dessa forma, investigou-se esses depósitos a partir dessas vertentes arqueológicas, buscando compreender o contexto arqueológico e seus significados, contribuindo assim, para uma pesquisa arqueológica da cidade de Corumbá de Goiás.

Palavras-chave: Arqueologia Urbana; Arqueologia Mortuária; Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França.

ABSTRACT

The present work has as research object the archaeological deposits of the Church of Nossa Senhora da Penha de França, located in the historic city of Corumbá de Goiás, with the general objective of understanding the archaeological context and its meanings identified in the area of the Church. An analysis of the archaeological contexts was based on data collected during the Church restoration process carried out in 2014 by the company Marsou Engenharia Ltda and coordinated by the Archeologist Ma. Cristiane Loriza Dantas. The theoretical-methodological framework is supported by Urban Archeology, since through the archaeological study of the religious temple it is possible to investigate how society's cultural and social relations. Presuppositions of the Archeology of mortuary practices were also used, as skeletons and their accompaniments dealing with funeral rituals were identified. Thus, these deposits were investigated from these archaeological sources, seeking to understand the archaeological context and its meanings, thus contributing to an archaeological research in the city of Corumbá de Goiás.

Keywords: Urban Archeology; Mortuary Archeology; Mother Church of Our Lady of Penha de França.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ARRAIAL DE CORUMBÁ, 1740. DESENHO: LÚCIA CURADO. PESQUISA: HERCÍLIO FLEURY, SÍLVIO FLEURY E RAMIR CURADO. FONTE: CURADO, 2013, P. 8.....	13
FIGURA 2 – – MAPA DOS CAMINHOS PARA A CAPITANIA DE GOYAZ. FONTE: BERTRAN, 2004.....	16
FIGURA 3 – VISTA PARCIAL DE CORUMBÁ NA DÉCADA DE 1750. DESENHO DE LÚCIA CURADO. PESQUISA DE HERCÍLIO FLEURY, SÍLVIO FLEURY. FONTE: CURADO, 2013, P. 10.....	18
FIGURA 4 – – MAPA DAS ETNIAS INDÍGENAS IDENTIFICADAS NO SÉCULO XVIII. COM ALTERAÇÃO PARA IDENTIFICAR A LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE CORUMBÁ DE GOIÁS. FONTE: MENDES, 2001, P. 31.....	20
FIGURA 5 – ICONOGRAFIA DE UM ÍNDIO XAVANTE E OUTRO ACORÚÂ SIMBOLIZANDO UM CONFRONTO, DETALHE DO MAPA CAPITANIÁ DE GOIÁS. FONTE: BERTRAN, 2004.	22
FIGURA 6 – ESQUELETO 1 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 76). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	36
FIGURA 7 – ESQUELETO 2 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 81). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	38
FIGURA 8 – ESQUELETO 3 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 86). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	40
FIGURA 9 – ESQUELETO 5 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 92). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	42
FIGURA 10 – ESQUELETO 5 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 97). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	44
FIGURA 11 – ESQUELETO 6 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 100). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	46
FIGURA 12 – ESQUELETO 7 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 105). DESENHO: FERNANDO LOPES.....	48

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – INDÍCIOS DA COVA DO ESQUELETO 1 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 72).....	34
FOTO 2 – ESQUELETO 1 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 74). FOTO: DANTAS 2014	35
FOTO 3 – ESQUELETO 2 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 80). FOTO PEDRO DINIZ.....	37
FOTO 4 – ESQUELETO 3 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 85). FOTO PEDRO DINIZ.....	39
FOTO 5 – ESQUELETO 5 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 91). FOTO PEDRO DINIZ.....	41
FOTO 6 – ESQUELETO 5 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 95). FOTO PEDRO DINIZ.....	43
FOTO 7 – ESQUELETO 6 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 99). FOTO: DANTAS2014	45
FOTO 8 – ESQUELETO 7 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 104).....	47
FOTO 9 – FRAGMENTOS DE LOUÇA IDENTIFICADOS (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, P. 147).....	51
FOTO 10 – CONTAS DE COLAR DO ESQUELETO 2 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 150).....	53
FOTO 11 – CONTAS DE COLAR DO ESQUELETO 5 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 151).....	53
FOTO 12 – CONTAS DE COLAR DO ESQUELETO 6 (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 152).....	54

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL METÁLICO ASSOCIADO AOS ESQUELETOS (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 123).....	49
GRÁFICO 2 – CONTAS DE COLAR POR ESQUELETO (FONTE: DANTAS E OLIVEIRA, 2015, P. 149).....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO DE CORUMBÁ DE GOIÁS	15
1.1 Contexto Histórico de Corumbá de Goiás	15
1.2 Contexto de ocupação etnográfico	19
CAPÍTULO 2: ABORDAGEM TEÓRICA	24
2.1 Arqueologia Urbana	24
2.2 Arqueologia das Práticas Mortuárias e Arqueologia do Simbólico	27
CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO DE DADOS	30
3.1 A escavação na Igreja de Nossa Senhora da Penha da França	31
3.2 Contextos funerários identificados na escavação arqueológica	33
3.2.1 Esqueleto 1	33
3.2.2 Esqueleto 2	36
3.2.3 Esqueleto 3	38
3.2.4 Esqueleto 4	40
3.2.5 Esqueleto 5	42
3.2.6 Esqueleto 6	44
3.2.7 Esqueleto 7	46
3.3 (Re)enterramento	48
3.4 Análise laboratorial	48
3.3.1 Metal	49
3.3.2 Vidro	50
3.3.3 Cerâmica	50
3.3.4 Louça	51
3.3.5 Contas de Colar	52
CAPÍTULO 4: DISCUSSÕES E ANÁLISES DOS DADOS	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

O principal objeto de estudo do presente trabalho de conclusão de curso é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha da França, localizada na cidade histórica de Corumbá de Goiás, sendo o objetivo geral compreender o contexto arqueológico e seus significados na área dessa edificação. Levantou-se discussões a partir dos dados coletados nas escavações a fim de analisar o contexto arqueológico, em específico a morte social dos indivíduos, a relação dos tipos de depósito e da sua natureza no tempo e no espaço. Com essa análise a pesquisa desenvolvida colabora para a identificação da morte social dos indivíduos e a forma de tratamento pós-morte.

A base de dados para a execução da pesquisa teve como referência o Projeto de Acompanhamento, Monitoramento e Resgate das Obras de Restauração da Igreja Nossa Senhora da Penha de França, executado pela empresa Marsou Engenharia Ltda, coordenado pela Arqueóloga Ma. Cristiane Loriza Dantas, e teve a integração de equipes técnicas envolvidas nas atividades, formada pelas arqueólogas Fernanda C. de Oliveira, Jamária B. Nascimento, Jaslane M. Castro, equipe do laboratório composta pelos arqueólogos Fernando Lopes, Juliana Garcia (estagiária) e Izabella Alvarenga (estagiária). Destinados a elaboração do relatório, a equipe foi composta por Cristiane Loriza Dantas, Fernanda Fonseca C. de Oliveira, Marcelo Yuri de Oliveira e Jamária Batista Nascimento. O material arqueológico coletado encontra-se atualmente sob posse do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A princípio os materiais evidenciados durante as escavações na Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França seriam analisados e posteriormente interpretados, no entanto a Pandemia causada pelo vírus COVID-19 impossibilitou a realização dessa etapa, tendo em vista que o IGPA encontra-se fechado para a realização de atividades presenciais como forma de diminuir os riscos de contágio do Coronavírus. Diante deste cenário, a pesquisa analisou teoricamente esses depósitos e suas relações. Para tal, a leitura minuciosa dos dados de campo e dos resultados laboratoriais foi realizada, o que possibilitou uma pesquisa que discute arqueologicamente esses depósitos da Igreja e traz a complexidade da análise de tais contextos arqueológicos.

A Igreja Nossa Senhora da Penha de França teve sua implantação ainda no século XVIII. Assim como outras cidades históricas, o ciclo do ouro e os acontecimentos históricos foi o que determinou a sua posição no território (LIMA, 2012). Na ilustração abaixo verifica-se o espaço

de ocupação dessa sociedade no século XVIII, com destaque para a Igreja e o vilarejo aos arredores, lugares amplos e cheios de vida.



Figura 1 – Arraial de Corumbá, 1740. Desenho: Lúcia Curado. Pesquisa: Hercílio Fleury, Sílvio Fleury e Ramir Curado. Fonte: CURADO, 2013, p. 8.

A edificação da referida Igreja foi iniciada em 1774, concomitante a sua construção o vilarejo foi surgindo aos seus arredores. A Matriz foi tombada primeiramente a nível municipal e, posteriormente, integrou-se ao conjunto urbanístico de Corumbá, este, que por sua vez, é um tombamento a nível federal, registrado no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (processo nº1269-T88). (Fonte: Lista dos Bens Tombados e Processos em Andamento, atualizado em 13/05/2021, Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126> Acessado em 25 de mai. 2021)

A monografia está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo aborda-se o contexto histórico e etnográfico da região. O espaço onde está localizada a cidade histórica de Corumbá de Goiás teve diversas mudanças nos últimos séculos, resultando assim em diferentes contextos, mudanças culturais e sociais. (Dantas e Oliveira, 2015). Por isso no primeiro tópico discute-se o contexto de ocupação e formação de Corumbá e posteriormente apresenta-se a etnografia da região.

No segundo capítulo, são evidenciados os pressupostos teóricos e metodológicos que orientaram a pesquisa de conclusão de curso. Em primeiro são salientadas as contribuições da Arqueologia Urbana, pois a edificação estudada está inserida em uma região que tem sua formação marcada pela ocupação do Sertão dos Goyazes, e que enquanto Vila preservou diversificados elementos arquitetônicos oriundos do processo colonial de ocupação. Como

apontado por Dantas e Oliveira (2015) a pesquisa arqueológica dos depósitos da Igreja Nossa Senhora da Penha da França exige uma ampla reflexão sobre a forma de apropriação desse lugar. A segunda corrente teórica apresentada no capítulo dois corresponde a Arqueologia das práticas mortuárias, já que um dos principais depósitos identificados está relacionado aos ritos fúnebres.

No terceiro capítulo discorre-se sobre os dados referentes às intervenções realizadas na Igreja por Dantas e Oliveira. Tais intervenções evidenciaram esqueletos e objetos que possibilitaram diversas linhas de pesquisa e hipóteses referentes à compreensão desses grupos e de suas tradições, sendo elas culturais e sociais.

No quarto capítulo foi produzida uma discussão a partir dos dados obtidos na intervenção feita por Dantas e Oliveira. Pôde-se perceber a relação dos vivos com os mortos através dos elementos arqueológicos, e de forma geral, como a sociedade que viveu naquela época se comportava em relação ao processo de ocupação deste território. E a maneira em que, possivelmente, viviam.

Nas considerações finais discute-se as hipóteses que foram levantadas ao decorrer do trabalho, quais dados esta pesquisa pôde oferecer e o que eles auxiliam para a arqueologia. Também, como as teorias e abordagens utilizadas foram eficientes, e como este contexto ainda pode ser explorado, de modo a remontar e entender este passado e as diversas dinâmicas que ocorrem neste espaço. Contribuindo assim, para outros estudos, o que conseqüentemente colaborará para a preservação da Igreja N. Senhora da Penha de França.

Neste sentido, alinhado aos resultados alcançados durante a restauração da Igreja, este trabalho compreendeu o contexto arqueológico e seus significados na área da Igreja Nossa Senhora da Penha de França de Corumbá de Goiás por meio dos seus depósitos a partir dos dados coletados nas escavações e nas áreas de sepultamento. Além disso, foi analisado a dinâmica da relação dos tipos de depósito e da sua natureza no tempo e no espaço, bem como os rituais culturais e sociais ali existentes.

CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO DE CORUMBÁ DE GOIÁS

1.1 Contexto Histórico de Corumbá de Goiás

O Brasil no ano de 1720 pertencia a Portugal. Curado (1996, p.15) salienta que o rei que governava incentivava a organização de bandeiras, que eram lideradas pelos Portugueses e Paulistas, sob seu comando vieram para o Brasil escravos africanos e indígenas que eram obrigados a fazer todo o serviço braçal, na busca pelo ouro.

Essa organização das Bandeiras, como ficaram conhecidas as expedições que se organizaram em busca de riquezas minerais no interior do Brasil, deu origem às cidades dos atuais Estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Até o ano de 1749, o Estado de Goiás não existia, o território pertencia à capitania de São Paulo, somente a partir dessa data que surgiu a capitania de Goiás. (HIGA, 2011)

Cabe ressaltar que diversos estudos comprovam o meio ambiente como um dos principais fatores que influenciaram na ocupação de um território, sociedades pré-coloniais e pós-coloniais possuíam essas características. Dantas e Oliveira (2015) ressaltam que as escolhas dos territórios que seriam habitados por esses grupos se relacionavam às suas condutas simbólicas, culturais, econômicas e políticas. Concluindo assim que, os grupos indígenas que habitavam aquele ambiente estavam relacionados à agricultura e se fixavam em áreas com solos propícios para o plantio e cultivo de alimentos para suas subsistências e práticas simbólicas.

A iniciação da história de Goiás se deu com a chegada dos bandeirantes, que foram vindos de São Paulo, em busca de ouro, no final do século XVII e início do século XVIII. O contato entre nativos indígenas, negros e os bandeirantes foi fator decisivo para a formação da cultura do Estado. refletindo os contextos históricos da colonização, discute que no Centro-Oeste brasileiro muitos municípios e cidades foram instaladas a partir de elementos do meio ambiente, por exemplo, os primeiros Arraiais e Vilas, como Meia-Ponte (atual Pirenópolis), Vila Boa (atual Cidade de Goiás) e Corumbá de Goiás foram fundadas próximos a rios que foram intensamente explorados por mineradores ao longo dos séculos XVIII e XIX, à procura de ouro. O autor exemplifica no mapa abaixo os principais caminhos dessas capitanias.

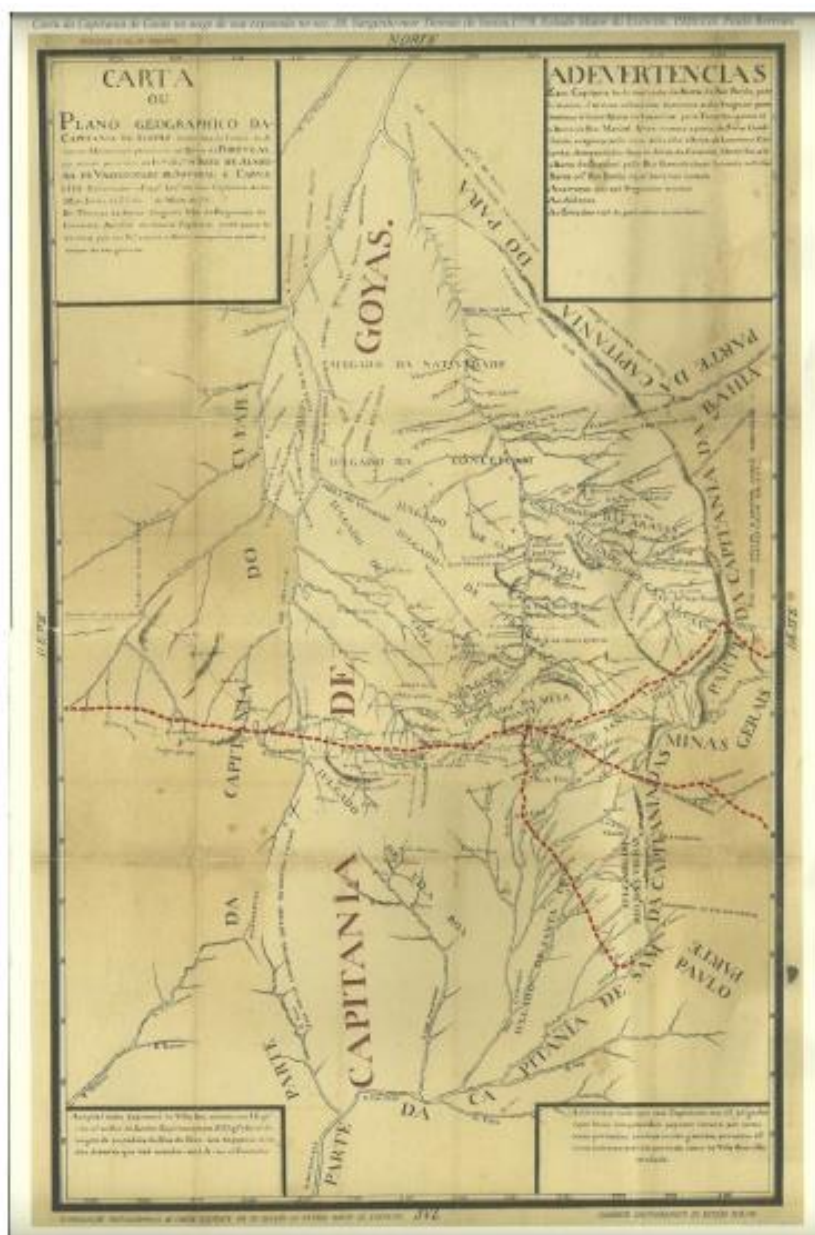


Figura 2 – – Mapa dos caminhos para a Capitania de Goyaz. Fonte: BERTRAN, 2004.

Em meados do ano 1729, o crescente número de mineradores ao longo do vale do Rio Vermelho, fez com que Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera filho), contribuísse para a busca de novas minas em outros rios. Surge então o povoado de Corumbá de Goiás em 1731, se tornando polo de mineração nos rios Corumbá e Ribeirão Bagagem. Contudo, os bandeirantes foram os primeiros responsáveis pela maioria dos assentamentos goianos e com eles veio a tradicional forma de fazer cidades. Organizadas a partir do edifício religioso, caracterizavam-se

por estruturas lineares, que se desenvolviam geralmente ao longo das estradas. (Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/360/> Acessado em 02 de mar. 2021, às 16h)

Quando falamos em espaços geográficos, é importante lembrar que a cidade de Corumbá de Goiás passou por dois momentos de ocupação. Inicialmente essa ocupação ocorreu às margens do Rio Hormônio, ali sendo construídos os primeiros ranchos dos colonizadores e dos exploradores de ouro, e a primeira capela de cunho cristã-católica com devoção a Nossa Senhora da Penha de França. Esse processo de ocupação iniciou em meados de 1731. (DANTAS; OLIVEIRA, 2015, p. 30)

O segundo momento de ocupação de Corumbá de Goiás remete ao deslocamento dessas moradias para a parte mais alta da região, com uma visão mais ampla, como referindo a um morro. Dantas e Oliveira (2015, p.23), destacam que não foi apenas o fator geográfico que impulsionou essa mudança de ocupação, mas também em função de diversos ataques as moradias.

A atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha de França, começou a ser construída em 1733 e apesar de ter sofrido alterações ao longo dos anos, faz parte do segundo processo de ocupação e colonização da região de Corumbá de Goiás, além de ser referência para a formação do primeiro núcleo urbano. Conforme Dantas e Oliveira (2015), a edificação da Igreja foi realizada de modo que sua fachada ficasse direcionada para o nascente do sol, ou seja, para o leste, em um ponto alto e amplo, sua posição, ficando assim, em destaque e com vista privilegiada. Além da Igreja, nesse período, foram construídas as primeiras casas e um cemitério¹.

A imagem abaixo mostra um desenho feito por Lucia Curado, em que é representada a vista parcial da cidade naquela época. Nota-se a posição da igreja em relação ao cemitério, em um local mais alto e estratégico, enaltecendo a sua posição enquanto edificação sagrada.

¹ O cemitério tinha a nomenclatura de Cemitério Nossa Senhora da Penha de França. Sua localização era de frente à Igreja. Atualmente a área é ocupada pela Praça da Matriz de Corumbá.



Figura 3 – Vista parcial de Corumbá na década de 1750. Desenho de Lúcia Curado. Pesquisa de Hercílio Fleury, Sílvio Fleury.
Fonte: CURADO, 2013, p. 10.

Em 1840, pela Resolução Provincial nº 5, de 5 de dezembro, Corumbá passou à categoria de paróquia, tendo como primeiro vigário o padre Manoel Inocêncio da Costa Campos. Ainda no século XIX, em 1849, a povoação foi elevada à condição de vila e desmembrada de Pirenópolis (antiga Meia Ponte) e, em 1902, tornou-se município. Tendo sua alteração toponímica municipal de Corumbá para Corumbá de Goiás alterada, pelo decreto-lei estadual nº 8305, de 31-12-1943. (SCHNEIDER, 2017, p. 170)

No final do século XIX ocorreu à escassez dos materiais auríferos, assim, como destacado por Dantas e Oliveira (2015), outros modos e relações estabelecidas entre os grupos sociais com a natureza puderam ser observadas. Houve o início da atividade pastoril e das atividades agrárias, que permeiam até os dias de hoje. Nesse processo pós-colonial, conforme o desenvolvimento das atividades econômicas, as regiões foram socialmente expandidas.

1.2 Contexto de ocupação etnográfico

No Brasil, entre os séculos XVI e XX houve uma quantificação de perda da população indígena significativa. Segundo Dantas e Oliveira (2015 p.23) no início do século XVI, estima-se que existiam aproximadamente 2000 etnias indígenas no país. Ainda em tempos de colonização, aconteceram diversos etnocídios, extermínio por epidemias. A escravização também foi um dos principais motivos para que essa redução acontecesse de forma considerável.

Em meados do século XVIII, após os processos de colonização da região central do Brasil, surgem os primeiros registros etnográficos no Estado de Goiás, esses registros obtidos por meio das explorações por territórios praticadas pelas bandeiras que estavam migrando do Estado de São Paulo. Segundo Dantas e Oliveira (2015 p.24), pode-se notar a presença de grupos do tronco-linguísticos Tupi na história desses grupos, embora a região ter sido ocupada predominantemente pelos grupos tronco-linguísticos Macro Gê.

Curt Nimuendaju em 1944, documenta através de um mapa etno-historico do Brasil e de regiões adjacentes, diferentes etnias indígenas. No mapa abaixo, adaptado por Mendes (2001) podemos observar a presença dos Kaiapós ocupando as proximidades da cidade de Corumbá de Goiás.

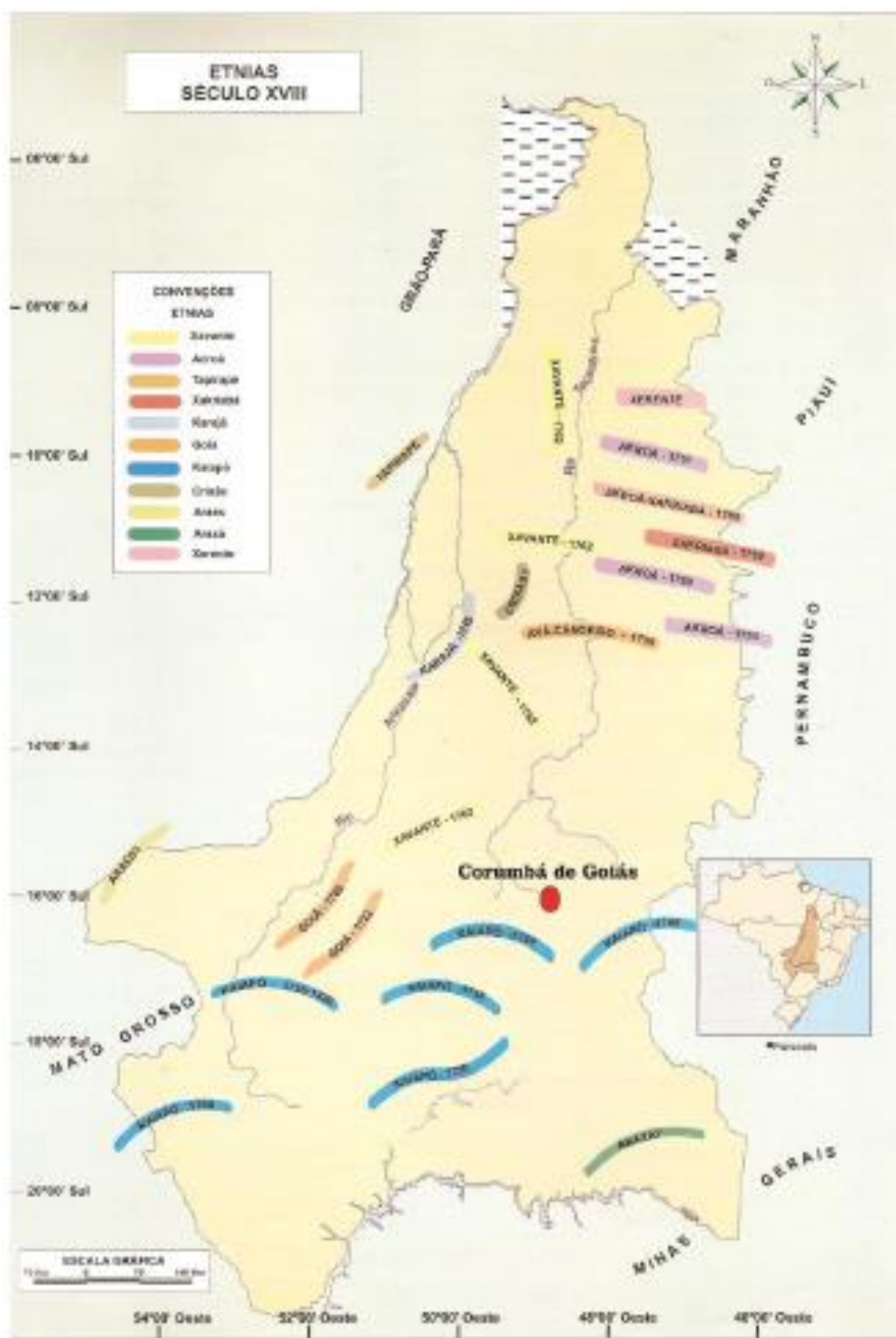


Figura 4 – – Mapa das etnias indígenas identificadas no século XVIII. Com alteração para identificar a localização da cidade de Corumbá de Goiás. Fonte: MENDES, 2001, p. 31.

Conforme observado no mapa, a presença desses grupos no território brasileiro estava dividida da seguinte forma:

- Kayapó (estavam presentes, especialmente, na região sudoeste);
- Akwen (estavam situados na região sudoeste e na região leste, fronteira com o Estado da Bahia), grupo que se subdividia entre os Akroá e os Xakriabá;
- Xavante e Xerente (também são subdivididos do grupo Akwen, se localizavam na região central do Estado);
- Timbira, cujos outros grupos provenientes são Apinayé e Krahô (se localizavam no extremo norte do Estado de Goiás);
- Karajá (há séculos ocupam a calha do Rio Araguaia, desde a foz do Rio Vermelho até sua confluência com o Rio Tocantins);
- Avá-Canoeiro (no território quase que exclusivamente de tronco linguístico Jê, este é um grupo de tronco Tupi-Guarani que, desde o século XVIII, se estabeleceu fixado nas margens e ilhas do alto curso do Rio Tocantins) (LARAIA, 2006 *apud* Dantas e Oliveira, 2015, p.24).

Deve-se destacar que outros grupos étnicos chegaram a ocupar a região central do Brasil, porém algumas ações executadas pelos bandeirantes estiveram associadas à extermínio e dizimação dos mesmos. Por exemplo, como se observa nos escritos de Laraia (2006, p. 13), “os bandeirantes destruíram as populações indígenas do sul de Goiás, entre elas os Kayapós do Sul, prováveis habitantes da região onde hoje se ergue Goiânia”.

Ainda no final do século XVIII, as populações resistiram a intensivos massacres no território do Estado de Goiás, onde atualmente encontra o Estado do Tocantins. Ademais, além do genocídio, outras ações políticas interferiram nos modos e comportamentos sócio espaciais de vários grupos indígenas situados em território goiano. Conforme a imagem abaixo, eram constante os confrontos entre os Xavantes e os Acorúã. A imagem retratada simboliza um confronto entre membros destes grupos.



Figura 5 – Iconografia de um índio Xavante e outro Acorúã simbolizando um confronto, detalhe do mapa Capitaniá de Goiás.
Fonte: BERTRAN, 2004.

No final do século XIX, já se percebia a dizimação e deslocamento de vários grupos étnicos no Estado de Goiás, como o grupo Akroá, que foram extintos; o Xakriabá, que foi expulso; o grupo Xavante, que migrou para o Mato Grosso; o Kayapó, que desapareceu do território goiano, atualmente encontra-se no Parque Nacional do Xingu; e o Avá-Canoeiro, que atualmente é composto por trinta indígenas.

No mapa étnico adaptado por Mendes (2001, p. 31), vê-se que há registros do grupo indígena Kayapó residindo nas proximidades do território do município de Corumbá de Goiás. Têm-se relatos de que houve diversos confrontos entre os exploradores de ouro (colonizadores) e indígenas nas proximidades do primeiro núcleo explorado e colonizado pelos bandeirantes. Posto isso, é possível de que o grupo indígena que confrontava com os exploradores de ouro seja o Kayapó, pois tinha fama de ser um grupo guerrilheiro.

Contudo, a sociedade Kayapó, além de nômades, foram deslocados de forma forçosa para alguns aldeamentos, como o Xingu, neste território foram obrigados a conviver com grupos considerados inimigos. Porém, mesmo sobrevivendo aos massacres, às ameaças e, em alguns casos, tendo que (re)estabelecer e (re)organizar seus comportamentos sociais, culturais, religiosos e econômicos, os Kayapó estão vivos e continuam lutando a cada dia para que consigam ser

reconhecidos e valorizados enquanto grupo indígena que compõem o heterogêneo cenário sociocultural do centro-oeste brasileiro. SANTOS (2018, p.182)

CAPÍTULO 2: ABORDAGEM TEÓRICA

2.1 Arqueologia Urbana

Com o desenvolvimento das cidades e as transformações que provocam nos sistemas construídos ao longo de diferentes períodos históricos, surgem possibilidades para que se proceda a uma leitura arqueológica dos espaços urbanos. Nesse sentido que Mello (1984, p.47) ressalta a importância de não só registrar a sucessão de padrões urbanísticos, mas estabelecer uma correlação entre as diferentes formas urbanas das quais foram preservados testemunhas e os modos de vida que caracterizam esses ambientes.

Possuem diversas discussões em prol de tentar decifrar quando surge a Arqueologia Urbana nos contextos arqueológicos. Segundo Costa, 2014, a disciplina surge em um momento pós 2ª Guerra Mundial, e já em meados dos anos 60 e 70 começa a se sustentar nas questões teóricas e metodológicas, como uma forma de contar a história das cidades.

Os estudos dos espaços urbanos podem contribuir em muito para o entendimento de três princípios básicos a serem investigados arqueologicamente na formação desses espaços, são eles: o traçado e forma da cidade, o planejamento e execução urbana, as dinâmicas sociais da vida urbana. Assim na conjuntura desses princípios, Dantas e Oliveira ressalta sobre os elementos estudados pela arqueologia, que retrata a vida dos artefatos nos contextos. Tratando assim de artefatos são dinâmicos, se transformam e se expandem em novos tecidos recriados para entender outras demandas sucessivas em permanente renovação. (LEMOS, 1981 *apud* Dantas e Oliveira 2015 p. 52).

Segundo Dantas e Oliveira (2015, p.53) a Igreja Nossa Senhora da Penha de França faz parte do conjunto urbano histórico da cidade de Corumbá de Goiás, o que nos leva a uma leitura arqueológica do espaço urbano. Nestes casos a configuração do urbano pode ser visto como um palco onde as pessoas constroem suas referências e suas memórias coletivas, elegendo, assim o que deve ser lembrado, esquecido e preservado, o que deve permanecer ou ser reconstruído. Considerando assim, esse espaço urbano dinâmico, onde os indivíduos são responsáveis por compor esses lugares um cenário sócio cultural. Fazendo assim uma correlação na qual as cidades são pensadas de acordo com as sociedades que a integra

Sobre este ponto de vista Bourdieu (1998) coloca que:

As representações do mundo social, que classificam a realidade e atribuem valores, no caso ao espaço, a cidade, a rua aos bairros, aos habitantes da urbe, não é neutra, nem reflexa ou puramente objetiva, mas implica atribuições de sentidos em consonância com relações sociais e de poder (BOURDIEU 1998, p. 288).

Quando pensamos no contexto da referida Igreja, ressaltamos a reflexão do cotidiano dos indivíduos que ocuparam aqueles espaços no século XVIII. As questões culturais ali vividas e a forma em que esses sujeitos se validavam suas relações sociais, as suas crenças e os suas tradições.

É neste sentido que a Arqueologia Urbana se constitui, no objetivo de alcançar o princípio dessas cidades e das sociedades que ocuparam aquele núcleo urbano, correlacionando assim com o que Staski (1982° *apud* Dantas e Oliveira, 2015), apresentando dois diferentes viés de estudo desse ambiente urbano. Dizendo assim que a arqueologia urbana pode ser uma arqueologia na cidade e da cidade. De maneira que, a arqueologia na cidade se faz com o conceito de fazer uma leitura isolada do sítio, tratando a cidade como parte de um ambiente. Portanto no segundo conceito citado, a arqueologia da cidade, ela passa a ser o objeto de estudo desse arqueólogo ou pesquisador.

Outra discussão proposta é o conceito de “cidade-sítio” proposta por Cressy (1978) *apud* Dantas e Oliveira (2015). Neste conceito o autor estabelecia uma discussão que fundamentou os conjuntos interdisciplinares nos contextos urbanos. Neste sentido que a cidade ela é o próprio objeto de estudo, contribuindo assim para que a pesquisa arqueológica permeie pelo dialogo interdisciplinar, contribuindo assim para as demais reflexões e debates sobre os conceitos dos sítios urbanos.

Esses estudos desses espaços Urbanos no Brasil começam a acontecer de forma tímida e parte dos modelos pré-estabelecidos de outras realidades vivenciadas. Ao refletir sobre a situação da arqueologia urbana no Brasil, Gazzeta, 1993 *apud* Dantas e Oliveira 2015, afirma:

A Arqueologia urbana Brasileira não deve ser somente uma arqueologia em espaço urbano; seu campo de ação não deve se limitar a um grupo humano ou a um conjunto humano monumental particular, devem sim, apreender a cidade em sua evolução, as mutações de sua paisagem e a realidade da vida material de seus habitantes.

Neste sentido que, esses núcleos urbanos têm como característica seu dinamismo. Dando assim autonomia para que o arqueólogo possa compreender os cenários urbanos e assim viabilizando as pesquisas. Segundo Juliani (1996) *apud* Dantas e Oliveira (2015) “a cidade é para a arqueologia uma superposição de momentos, uma concentração de atuações sobre um espaço concreto ao longo de muitos anos”. Nesta perspectiva, Lemos (1981) afirma que:

A cidade tem que ser encarada como um artefato, como um bem cultural qualquer de um povo. Mas um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, se auto devora e expande em novos tecidos recriados para entender outras demandas sucessivas de programas em permanente renovação.

Costa (2014) propõe ferramentas teórico-metodológicas que possibilitam o estudo do espaço urbano. Ao total são oito propostas. A primeira ferramenta diz respeito a relação entre as ações humanas e o ambiente constituído. Nesse caso, questionamentos sobre os motivos que levaram a construção de determinado ambiente são colocados em tela, bem como os mecanismos que ligam determinadas pessoas a determinados ambientes. A segunda ferramenta teórico-metodológica é sobre a “semiótica ou comunicação arquitetônica”, isto é, qual a transmissão de determinadas mensagens por meio de objetos e paisagens construídas. Em terceiro a “sintaxe espacial”. Essa ferramenta pode ser aplicada a partir da teoria sócio-espacial, e tem como princípio o entendimento das relações entre movimento dos corpos e as áreas construídas. São analisados, dessa forma, o layout das estruturas construtivas ou a análise da cidade a partir das suas ruas, espaços públicos e privados. A “morfologia urbana” faz parte da quarta ferramenta e estuda as plantas das cidades históricas, percebendo os planejamentos urbanos e suas mudanças ao longo do tempo. Em quinto tem-se a “teoria da recepção”, que corresponde a análise de como os residentes e visitantes se relacionam em um ambiente construído, sendo observados espaços privados, cotidianos, públicos e eventuais. Já a sexta ferramenta refere-se ao “planejamento gerativo”, em que o estudo das casas e residências são colocadas em foco. Em sétimo as “normativas de urbanização”. Essa ferramenta está baseada nos projetos e aspirações sobre a cidade, utilizando algumas vezes de um urbanismo simbolista ou cósmico que estabelece o desenho urbano da cidade. Por último, a oitava ferramenta que busca analisar a formação das cidades e seu potencial arqueológico relacionado aos processos econômicos, políticos ou sociais.

Nesta abordagem da Arqueologia Urbana pode-se concluir que, a Igreja Nossa Senhora da Penha de França é parte integrante da malha urbana que sofre constante modificação, em função da dinâmica que estes locais possuem, os espaços urbanos são espaços de constantes ressignificações e esta concepção traz a necessidade de reflexão sobre a evidenciação dos processos de transformação e apropriação do solo, na tentativa de se alcançar parte da origem da cidade.

2.2 Arqueologia das Práticas Mortuárias e Arqueologia do Simbólico

A Arqueologia estuda os remanescentes das práticas que envolveram a morte, o funeral, os restos materiais dos atos que foram praticados no destino escolhido para o corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias (RIBEIRO, 2007). Segundo Ribeiro (2007 p.19) o uso do termo Arqueologia da Morte ou *Archaeology of Death* surge nos países da Inglaterra e nos Estados Unidos em meados de 1970, e foi espalhado por vários países, assim como na França *Archéologie de la mort*, concomitantemente às denominações anteriores de *Archéologie des cemitières* ou *Archéologie funéraire* e na Itália *Archeologia del la morte*. A autora destaca ainda que esta denominação embora amplamente difundida não compreenda o fenômeno físico e humano da morte, como por exemplo, o estudo da causa mortis ou suas circunstâncias. Essa utilização do termo Arqueologia de Cemitérios também não é apropriada, pois o emprego desses locais não era característico de todas as sociedades passadas, ainda mais se o estudo for focado em grupos pré-históricos. Para Ribeiro (2007), a “Arqueologia Funerária” não ressalta o aspecto das práticas, que é de fundamental importância, uma vez que só são apreensíveis arqueologicamente os vestígios das práticas que foram utilizadas e a partir das quais buscamos interpretar e compreender as crenças e ritos do momento em que foram realizadas”. Ribeiro (2007 p.19) utiliza o termo “Arqueologia das Práticas Mortuárias” para salientar de maneira mais ampla os estudos arqueológicos das práticas relacionadas à morte. Pois quando se fala em práticas mortuárias estamos denominando, de um modo geral, qualquer tratamento dado ao corpo morto.

Em outra perspectiva, Silva (2005), pontua que ao abordamos o termo Arqueologia das Práticas Mortuárias utilizamos uma linha de pesquisa para interpretar dados mortuários e informações arqueológicas que remetem às práticas mortuárias, que são também as respostas dos

vivos em relação à morte. Assim, ao analisarmos o depósito mortuário da Igreja Nossa Senhora da Penha de França, buscou-se entender as características técnicas e operacionais do comportamento funerário intra e intersítios. Mas, cabe ressaltar que os atributos simbólicos ou rituais das práticas funerárias, embora não possam ser completamente recuperados, podem ser inferidos pelo arqueólogo com base em descrições etnográficas e etnohistóricas.

Durante as escavações realizadas em 2014, foram identificados depósitos mortuários na Igreja Nossa Senhora da Penha de França localizada no município de Corumbá de Goiás. Para tal, entende-se que na Arqueologia Mortuária, conforme apontado por Ribeiro (2007), estuda-se as práticas que envolveram a morte, como o funeral, os restos materiais dos atos que foram praticados no destino escolhido para o corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, e a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias. Nesse sentido, não devem ser analisados apenas os restos mortais, mas também os objetos que foram deixados nos túmulos e outras fontes que trarão alusão ao processo mortuário. O emprego do termo “Arqueologia das Práticas Mortuárias”, cunhado por Ribeiro (2007), deve ser utilizado, pois ao falarmos em práticas mortuárias estamos denominando, de um modo geral, qualquer tratamento dado ao corpo morto.

Os vestígios das práticas funerárias, sejam em rituais funerários, são traços do sistema social. Ao investigar as respostas dadas pelo grupo ao fenômeno morte, e alguns casos quando ocorre à desagregação e extinção do grupo, o arqueólogo por meio das inferências sobre as práticas rituais, apresenta características sociais. Uma vez em contexto arqueológico, o ritual resulta em uma cultura material funerária com carga simbólica e potencialidades de interpretação (CRISTANTE, 2018). É o caso dos vestígios encontrados na Igreja Nossa Senhora da Penha de França, que permitem compreender as características sociais da sociedade goiana do século XVIII e XIX.

As ações de caráter simbólico traduzidas em atividades rituais - ou seja, as práticas funerárias - atuando no corpo do morto resultam em produtos observáveis no contexto arqueológico. Dessa forma, o estudo das práticas mortuárias consiste na reconstrução de variáveis biológicas (sexo, idade e traços herdados) e de variáveis culturais (localização e morfologia da cova, a forma de processamento do corpo e os acompanhamentos funerários). A identificação dessas duas variáveis, biológica e cultural, define padrões de sepultamento ou programas funerários de uma determinada sociedade em um período de tempo de longa duração (SILVA,

2005). Essas são características que serão investigadas durante a execução desse Projeto de Pesquisa.

Assim, entendemos que os contextos funerários da Igreja Nossa Senhora da Penha de França devem ser encarados como um cenário de gestos e práticas humanas, funerárias ou não, locais plenos de vida em que muitas coisas podem ter ocorrido, e nos quais processos naturais aconteceram e transformaram o contexto (SOUZA, 2013).

No caso dos sítios arqueológicos relacionados a templos sagrados, como igrejas e cemitérios, por exemplo, os estudos pautam-se na proposição de analisar, aspectos socioeconômicos, os rituais simbólicos e religiosos que envolveram o contexto funerário dos mesmos. É considerado símbolo todo signo que consegue concretizar a ideia ligada a ele. Ou seja, uma joia, geralmente carrega em si um simbolismo geral, que desencadeiam fenômenos psíquicos que envolvem a produção de imagens mentais associadas às representações inerentes a tais signos. As joias são signos de simbolismo correlacionado a proteção espiritual/religiosa, estética, status e poder. Em relação à tradição cristã, que se fez predominar no contexto social do território brasileiro após a colonização, destaca-se que existe uma organização religiosa em relação aos sepultamentos. (Pierce, 1977 *apud* Dantas e Oliveira, 2015 p.153)

O processo do sepultamento é também um ritual de despedida do ente familiar que foi perdido, desta forma a uma seleção esmerada dos objetos que acompanharão o corpo, assim como, da vestimenta e dos elementos da prática mortuária (caixões, véus, flores, etc.). Assim os objetos que selecionados cumprem papel de signos simbólicos.

CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO DE DADOS

O presente trabalho foi fundamentado por pesquisas sobre as intervenções realizadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha da França. Assim, a sua execução ocorreu a partir de pesquisas com abordagens não interventivas compreendendo apenas etapas de análise laboratorial dos materiais arqueológicos e dados bibliográficos referentes aos sepultamentos e os depósitos evidenciados. Onde se buscou se adequar as atividades necessárias para a obtenção dos dados que atendam aos objetivos propostos.

Nesse capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa desenvolvida na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha da França, coordenado pela arqueóloga Ma. Cristiane Loriza Dantas. No primeiro tópico discutimos os resultados da escavação e no segundo, a análise em laboratório.

Durante a escavação foram encontrados dois tipos de contexto: primeiro que está relacionado aos sepultamentos e a forma de deposição dos corpos, e o segundo contexto relacionado os acompanhamentos fúnebres, dessa forma ressaltando as diferentes tradições culturais dessas sociedades.

Poderemos observar nos próximos tópicos deste capítulo, que as deposições destes corpos foram feitas de formas intencionais, por tratarem de particularidades entre eles, como por exemplo, sepultamento de crianças no sentido oposto aos demais e em locais no espaço considerados sagrados pelos padres.

Cabe ressaltar também os sepultamentos seguidos de acompanhamentos como adornos, crucifixos, contas de colares e demais elementos da prática mortuária como caixões. Neste sentido, podemos observar também que as presenças dessas práticas ocorreram de maneira intencional e selecionada, onde pode se inferir a tradição cristã presente nesses rituais culturais dessa sociedade.

Foram encontrados demais objetos em áreas distintas as dos sepultamentos, que tratava de uma área de refugio da igreja, materiais estes descontextualizados das áreas de sepultamentos. Resultando assim, apenas em materiais que indicam vida social naquele espaço. sem qualquer simbolismo ou ritual.

Os sepultamentos, sejam eles com acompanhamentos ou não, nos diz muito sobre a simbologia daquelas sociedades, suas crenças, religiões e processos culturais que os envolvia, partindo principalmente do aspecto cristão.

3.1 A escavação na Igreja de Nossa Senhora da Penha da França

O material arqueológico pesquisado durante o trabalho de conclusão de curso, faz parte do Projeto de Acompanhamento, Monitoramento e Resgate das Obras de Restauração da Igreja Nossa Senhora da Penha de França, Coordenado pela arqueóloga Ma. Cristiane Loriza Dantas. A etapa de pesquisa arqueológica de campo na área da Igreja foi idealizado com o intuito de causar o mínimo de interferências possível a fim de preservar o contexto, bem como possibilitar a amostragem segura do ponto de vista científico.

Dantas e Oliveira (2015), afirma que durante a escavação arqueológica foram encontrados contextos relativamente preservados de sepultamentos que impuseram a escavação de área amplas por níveis naturais, o que proporcionou o aprofundamento teórico das questões relacionadas à pesquisas arqueológicas em áreas de sepultamento e em áreas urbanas.

A metodologia utilizada por Dantas e Oliveira (2015) foi o Levantamento Geodésico, que consistiu na utilização de GPS geodésico para a demarcação de toda a área com quadriculamento. Esse procedimento é importante, uma vez que obtém-se uma malha confiável em termos de localização. As quadrículas da escavação foram organizadas da seguinte forma:

Para a escavação das valas de drenagem e ventilação foi feita a opção pelo uso de sistemas de quadrículas, este registro é feito pela distância da evidência dos limites norte e leste. As quadrículas são orientadas a partir do datum, formando uma malha que recobre o sítio, com ângulos de 90° entre suas paredes para não haver distorções no registro. Neste sistema optou-se pela categoria de quadricula básica ou finitas (309 quadrículas). (DANTAS e OLIVEIRA, 2015 p.60)

Com o quadriculamento foi possível ter um sistema de referência que pudesse atender qualquer tipo de intervenção fora ou dentro da igreja. A malha de quadriculamento foi escavada de 2 em 2 metros e cada quadrante possuiu um número de referência.

Na área da Vala de Drenagem, por ser um local com alto potencial de se encontrar esqueletos e com o intuito de causar o mínimo de interferências, a escavação ocorreu inicialmente por escalonamento em sondagens de um metro quadrado, escavadas por níveis artificiais.

A aplicação desta metodologia foi eficiente na identificação de depósitos antropogênicos bem delimitados. Foi observando tanto horizontalmente quanto verticalmente modificações significativas na coloração do sedimento, assim

como na sua granulometria e compactação. Essas evidências revelaram a existência de valas e covas sepultais relativamente bem conservadas demonstrando que as interferências antrópicas não atingiram todos os patamares de sepultamentos. Tal identificação conduziu a um novo direcionamento metodológico, pois a escavação escalonada por níveis artificiais não atendia mais as demandas da pesquisa. (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 62)

Conforme citação acima, ao adotar a escavação por sondagens constatou-se evidências de valas e covas sepultais bem conservadas, no entanto foi necessário readequar a metodologia, tendo em vista a visualização das mudanças na coloração do sedimento. Assim, Dantas e Oliveira, consideraram imprescindível a escavação por níveis naturais no intuito de preservar o contexto. Para a análise da coloração do sedimento foi utilizado os critérios da tabela de munsell.

Na vala de drenagem foram identificados na escavação arqueológica (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 66):

- 1 vala comum de sepultamento em que foram encontrados vestígios ósseos desarticulados e dispersos até 80 cm de profundidade;
- 1 área de deposição de lixo;
- 2 covas que não foram escavadas pois optou-se por um desvio da intervenção da obra;
- Estrutura de pedras paralelas as covas;
- 7 esqueletos articulados sepultados em covas individuais.

Na lateral esquerda da vala de drenagem foi encontrada a vala comum de sepultamento, enquanto na lateral direita foi encontrada a lixeira. Abaixo da vala comum e da lixeira foi identificada uma sequência de covas individuais nas duas laterais. A delimitação da vala comum de sepultamento, de acordo com Dantas, foi realizada com base nas observações de alteração na coloração do sedimento, sua granulometria e compactação. A equipe de escavação observou no último nível escavado (80cm) um contexto arqueológico mais preservado abaixo deste nível, no entanto, conforme orientação técnica do IPHAN, estes não foram acessados uma vez que não haveria impactos.

A área de deposição dos refugos da igreja é o único local com material arqueológico não relacionado à sepultamentos. Está localizada na lateral direita superior da vala de drenagem, onde foram encontrados refugos de uso cotidiano e estrutura de passagem de água.

Também foram realizadas escavações na área interna da igreja, pois, segundo Dantas e Oliveira, foi necessário promover intervenções para reforçar as vigas baldrame. Ao total foram duas intervenções na área interna em frente ao altar, nos portais laterais do lado esquerdo e do lado direito. No lado esquerdo foram identificados resquícios de caixão e fragmentos ósseos em avançado estado de decomposição. Já do lado direitos foram encontrados vestígios cerâmicos.

3.2 Contextos funerários identificados na escavação arqueológica

Ao total foram identificados sete esqueletos na área da vala da drenagem, sendo cinco do lado esquerdo e dois do lado direito. Abaixo é descrita a escavação dos sete esqueletos, conforme apresentado por Dantas e Oliveira.

3.2.1 Esqueleto 1

Conforme destacado por Dantas e Oliveira, a evidência de que se tratava de uma cova foi identificada a partir do nível 30cm, pois percebeu-se a delimitação da cova e a alteração na coloração sedimentar em comparação às outras quadrículas. Os restos esqueléticos começaram a ser encontrados a partir do nível 45cm. E os vestígios de madeira correspondentes ao caixão, foram visualizados a partir do nível 80cm.



Foto 1 – Indícios da cova do Esqueleto 1 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 72).

O enterramento encontrava-se nas proposições da tradição cristã, com a cabeça direcionada para o oeste e os pés para o leste. Dentre todos os esqueletos identificados este é o único que o sepultamento seguiu essa característica. Os materiais identificados e exumados foram: parte superior do crânio, parte da mandíbula, parte do fêmur, tíbias e fíbulas esquerda e direita (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 73).

Sobre a conservação do material, apesar do momento da identificação de que se tratava de um esqueleto articulado, ao realizar a retirada de elementos completos, os ossos estava integrados ao solo, “formando uma combinação de osso decomposto com o sedimento da cova” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 73).

O material coletado do Esqueleto 1 e os únicos elementos que não se desfizeram no momento da escavação, foram os dentes.



Foto 2 – Esqueleto 1 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 74). FOTO: Dantas 2014

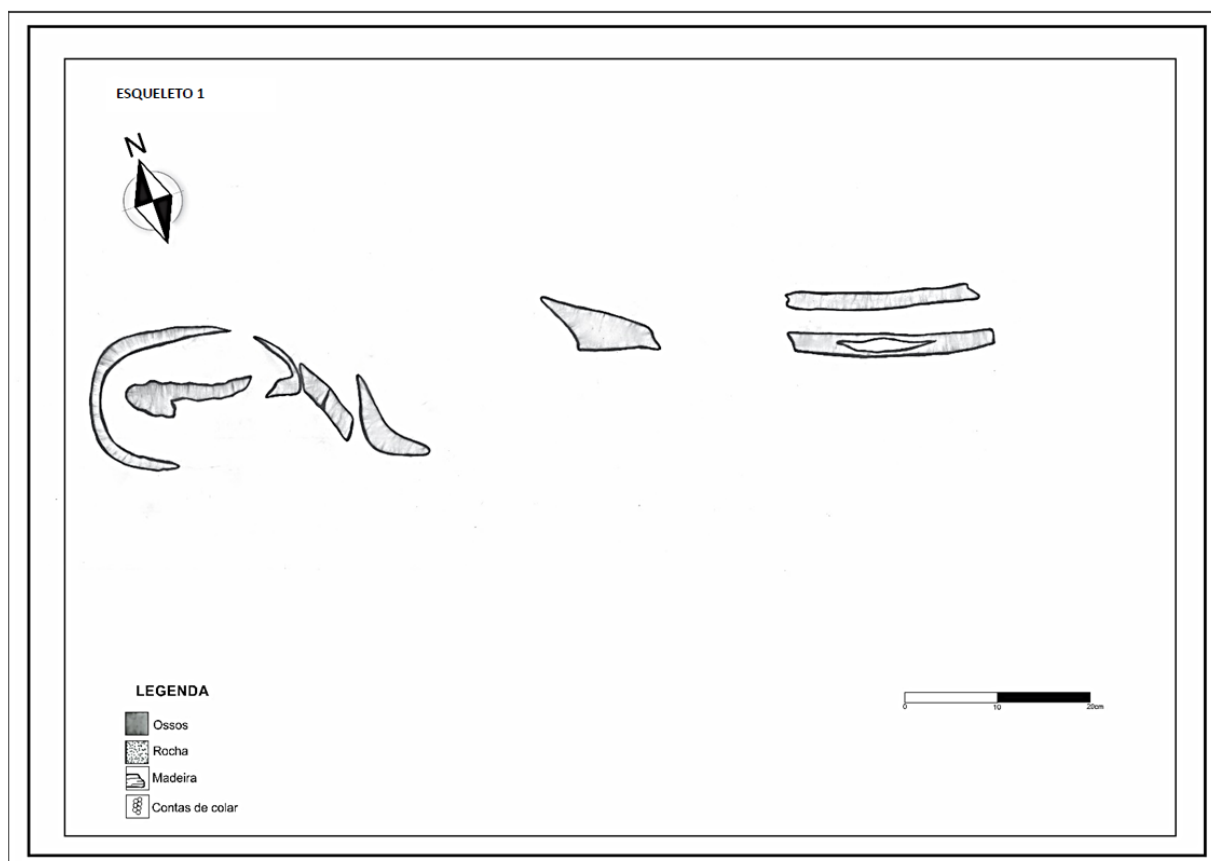


Figura 6 – Esqueleto 1 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 76). Desenho: Fernando Lopes

3.2.2 Esqueleto 2

O Esqueleto 2 foi encontrado logo abaixo do Esqueleto 1, posicionado na lateral esquerda da área externa da Igreja. A evidência da cova foi percebida a partir da superfície, devido à diferença da coloração e do sedimento da cova. A cova media aproximadamente 1,5cm x 60cm. Os restos osteológicos foram encontrados no nível 60cm e diferente do Esqueleto 1, este apresentou outra posição, em que a cabeça estava direcionada ao Oeste e os pés ao Leste. Em relação a conservação, o esqueleto estava comprometido, ocorrendo o registro dos fragmentos identificados *in loco*.

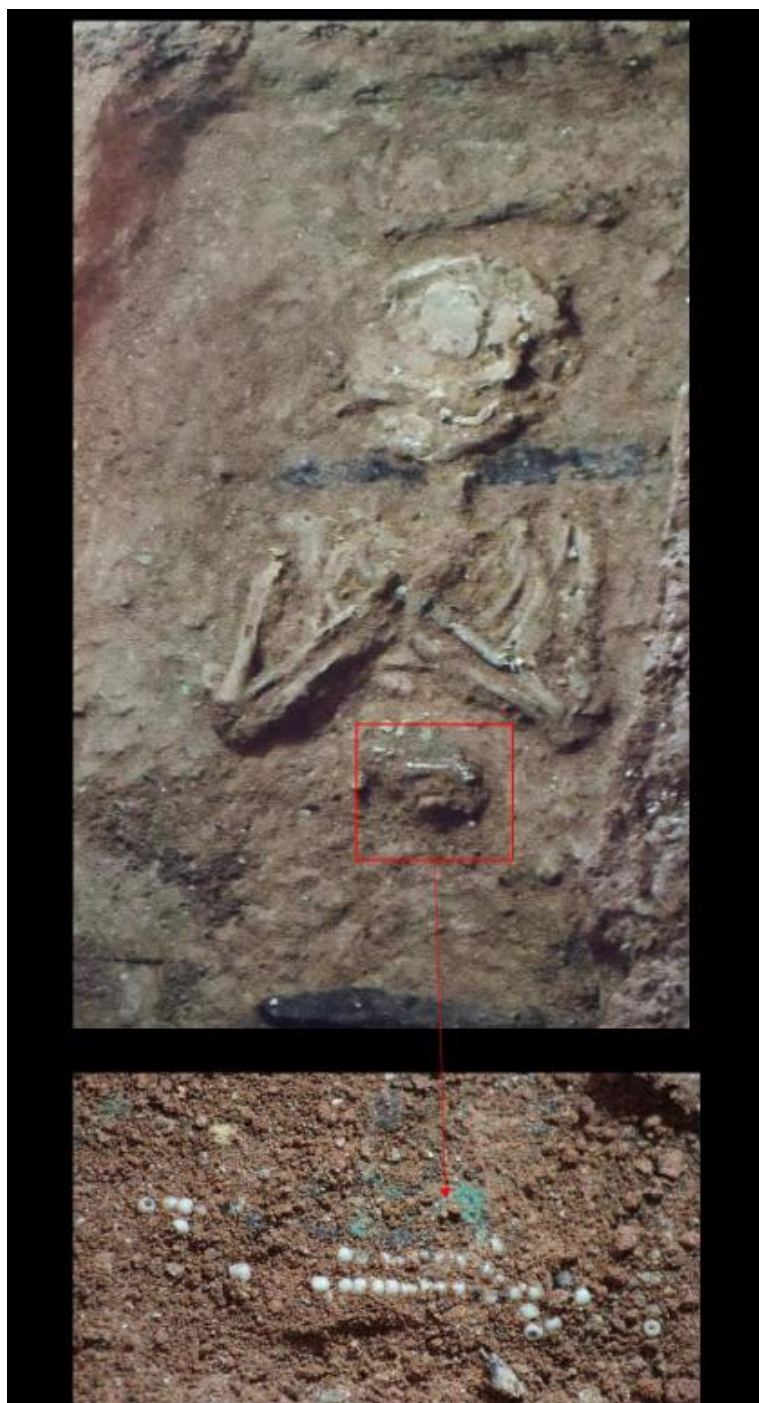


Foto 3 – Esqueleto 2 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 80). Foto Pedro Diniz

Junto a este esqueleto foram identificados e coletados outros materiais arqueológicos, sendo: “contas de colar, que estavam articuladas nas proximidades da parte torácica do indivíduo e vestígios de madeira do caixão” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 77). Também foi coletado o

conjunto de dentes do esqueleto, tendo em vista que devido ao estado de conservação não foi possível coletar outros conjuntos ósseos.

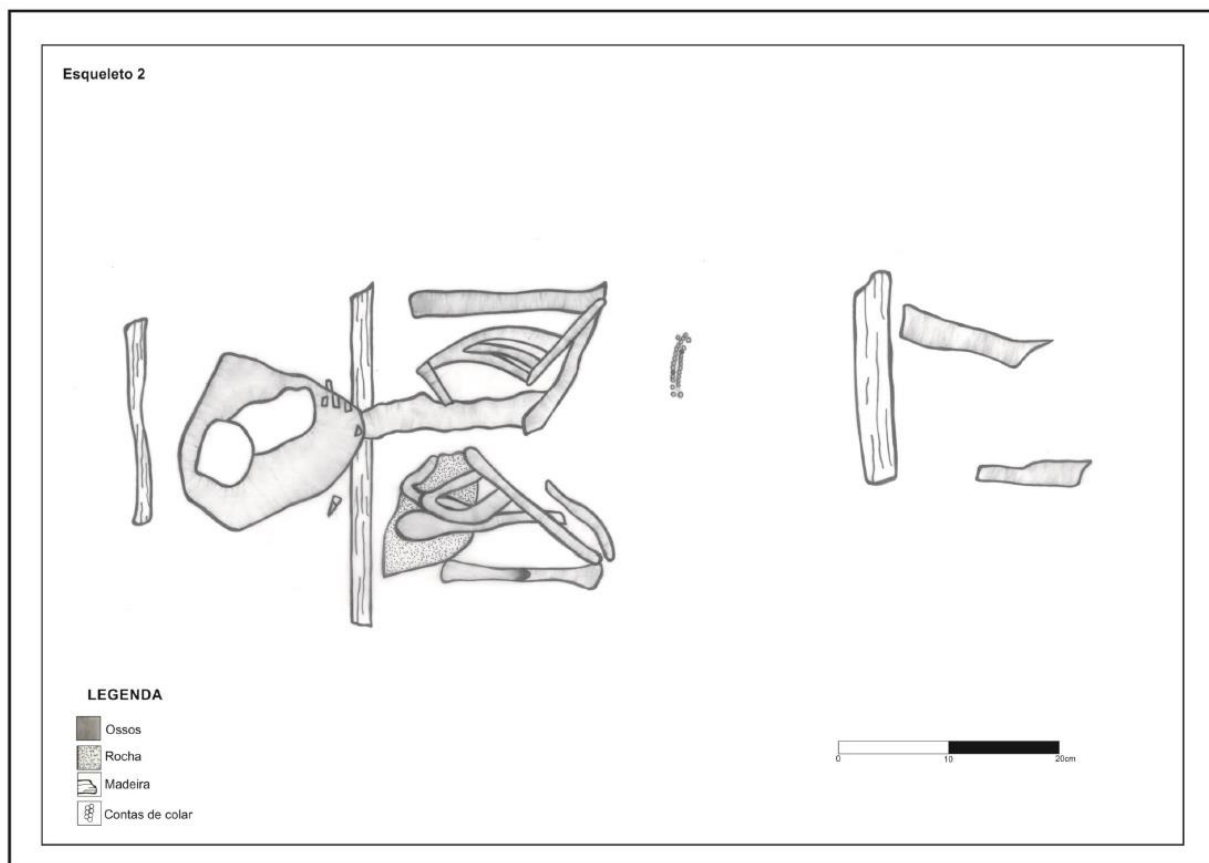


Figura 7 – Esqueleto 2 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 81). Desenho: Fernando Lopes

3.2.3 Esqueleto 3

O Esqueleto 3 foi identificado na lateral esquerda da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França, com dimensões de 1,50cm x 30cm. O sepultamento foi realizado com a cabeça direcionada para o nordeste e os pés para o sudoeste. A configuração da cova foi percebida no nível de 60cm, pois houve a mudança na coloração sedimentar em comparação as outras quadrículas. Os vestígios osteológicos foram percebidos aos 80-90cm de profundidade.

A conservação do Esqueleto 3 encontrava-se em boas condições, no entanto, conforme observado por Dantas, devido a fragilidade do material ósseo, somente os dentes foram coletados.



Foto 4 – Esqueleto 3 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 85). Foto Pedro Diniz

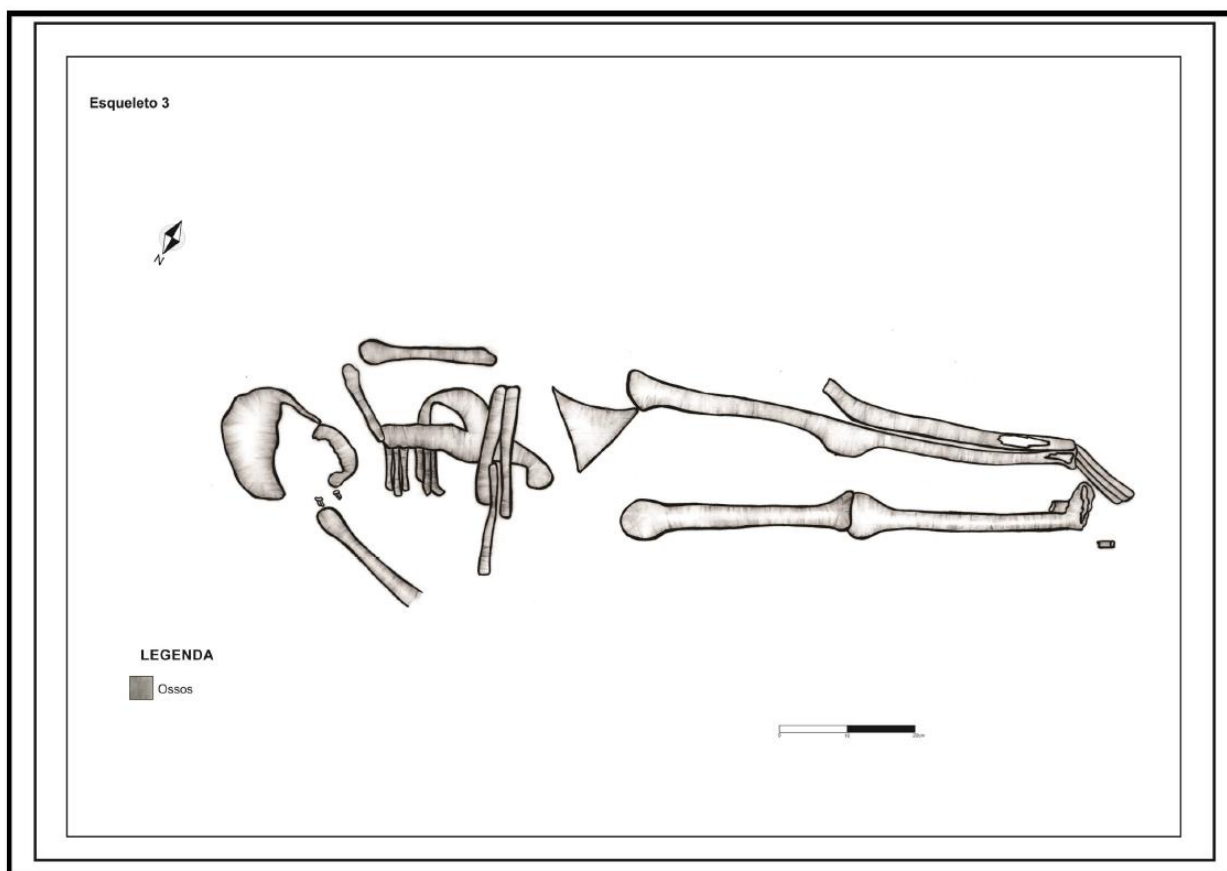


Figura 8 – Esqueleto 3 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 86). Desenho: Fernando Lopes

3.2.4 Esqueleto 4

O Esqueleto 4 estava posicionado na lateral esquerda da área externa da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França. O posicionamento do indivíduo sugere que era portador de uma anomalia, uma vez que estava com o tronco reto e as pernas inflectidas. O esqueleto possuía algum tipo de adorno no pescoço, porém conforme foi escavado se desfez.

Sobre a conservação do Esqueleto 4, Dantas e Oliveira afirmam que encontrava-se bastante deteriorado, o que permitiu apenas a retirada de algumas partes. Mas, isso não prejudicou o registro dos detalhes, garantindo a preservação das condições de salvaguarda dos mesmos.



Foto 5 – Esqueleto 5 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 91). Foto Pedro Diniz

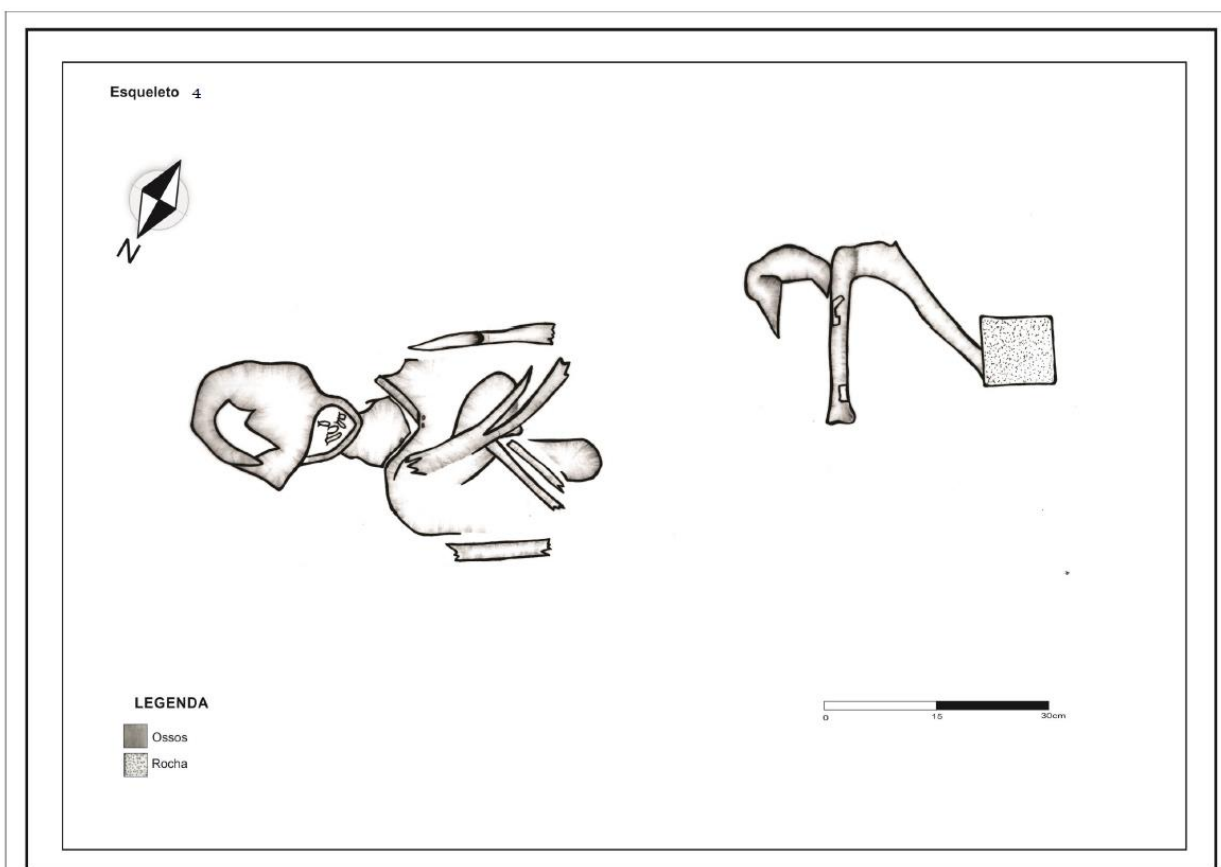


Figura 9 – Esqueleto 5 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 92). Desenho: Fernando Lopes

3.3.5 Esqueleto 5

O Esqueleto 5 encontrava-se na área externa adjacente ao edifício da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França. Tratava-se “de um indivíduo que foi sepultado em um caixão de boa qualidade que resistiu as ações naturais e preservou elementos ligados aos ritos fúnebres” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 93).

Por estar enterrado em caixa funerária, o sepultamento apresentou pior estado de conservação, por isso o Esqueleto 5 não teve o registro com detalhes, pois a retirada da madeira que compunha o caixão, resultava no esfarelamento dos poucos ossos. Neste caso, foi coletado um pequeno conjunto de dentes.



Foto 6 – Esqueleto 5 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 95). Foto Pedro Diniz

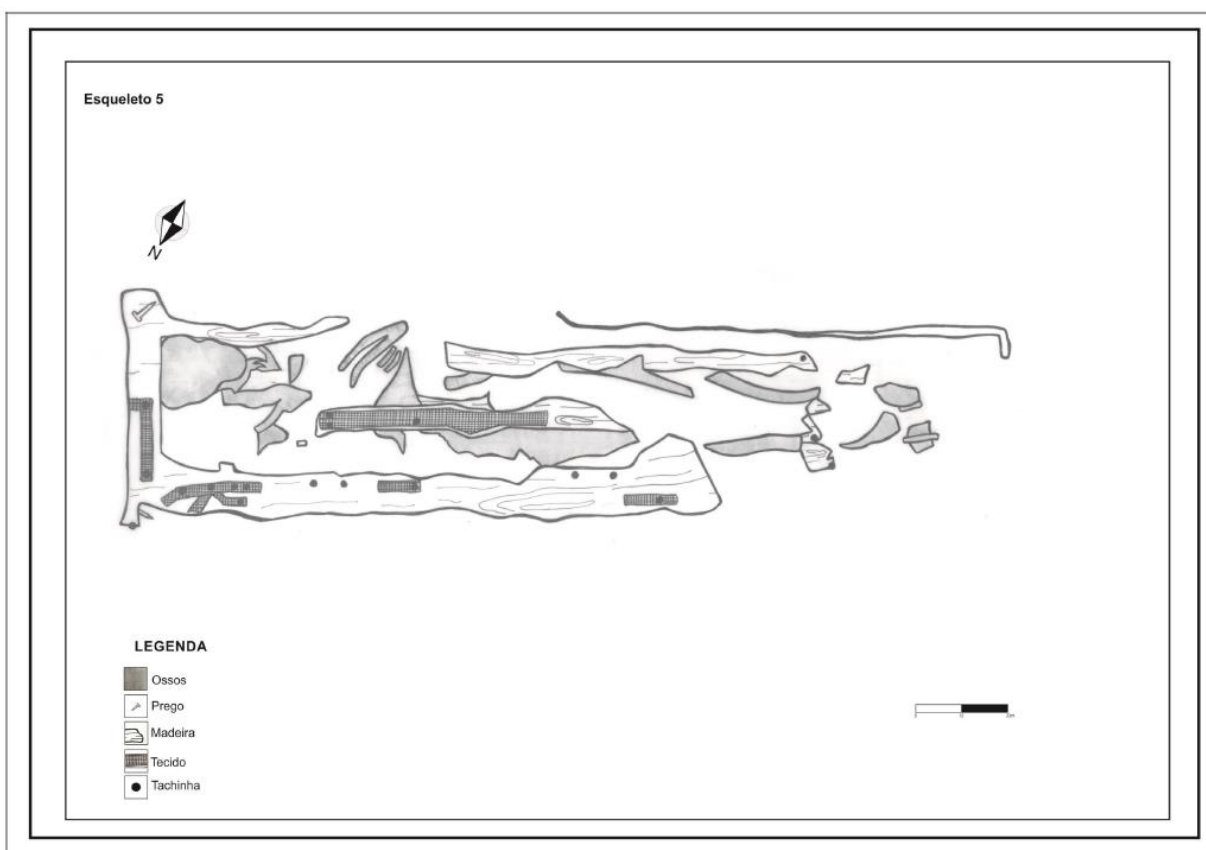


Figura 10 – Esqueleto 5 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 97). Desenho: Fernando Lopes

3.2.6 Esqueleto 6

O esqueleto 6 foi identificado na lateral direita da área externa da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França. Os materiais osteológicos foram constados, registrados e coletados nos níveis 70cm a 90cm. Segundo Dantas, trata-se de restos esqueléticos de um indivíduo de aproximadamente 1,5m.

Nesse sepultamento também foram identificados acompanhamentos funerários, como contas de colares provenientes de um terço. Em relação a preservação, “o esqueleto encontrava-se muito friável o que dificultou a exposição do mesmo” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 98). Dessa forma, foi coletado o conjunto dos dentes do Esqueleto 6.



Foto 7 – Esqueleto 6 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 99). Foto: Dantas2014

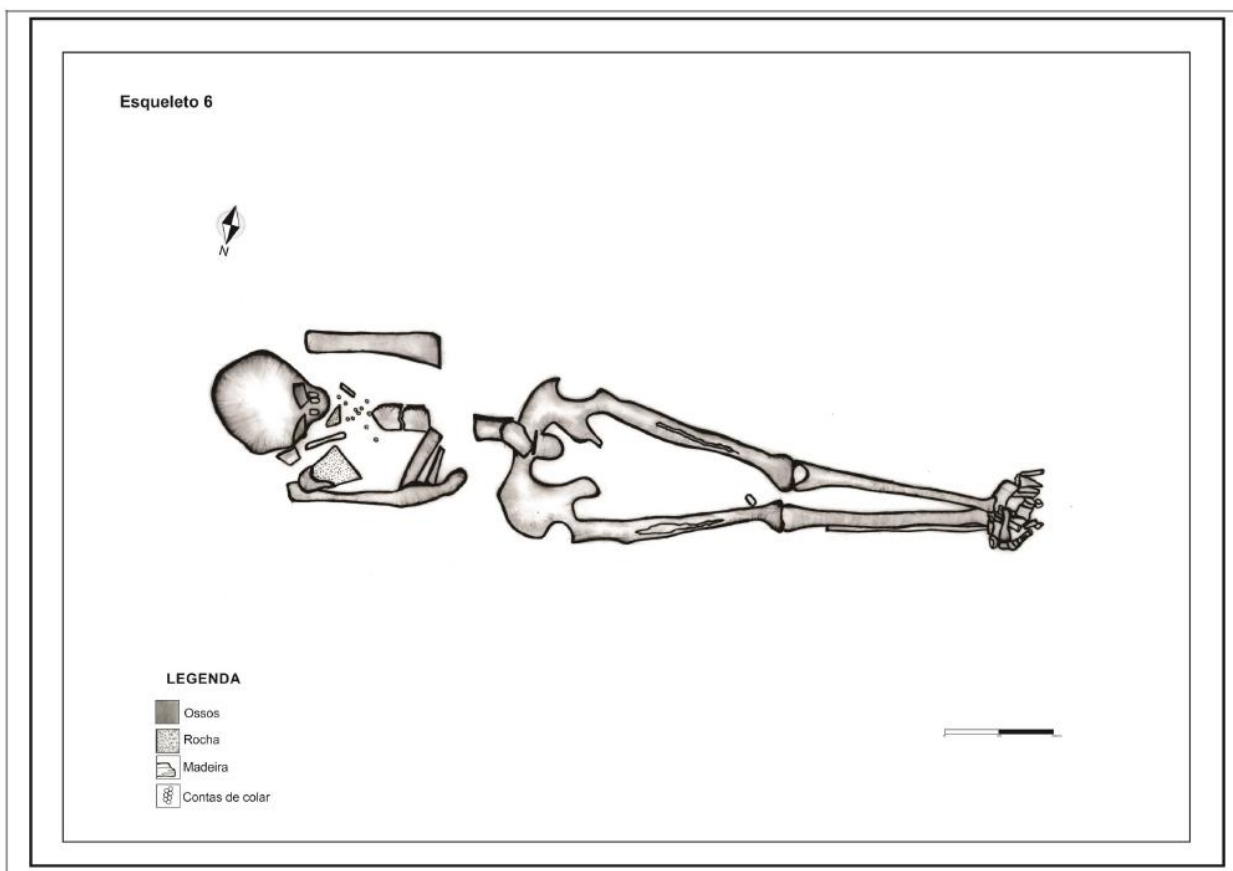


Figura 11 – Esqueleto 6 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 100). Desenho: Fernando Lopes

3.2.7 Esqueleto 7

O sepultamento no Esqueleto 7 ocorreu na lateral direita da área externa da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França. Os restos osteológicos foram identificados logo após o nível 70cm. O esqueleto tinha as medidas de aproximadamente 1,5m de comprimento.

Foram coletados dentes do Esqueleto 7 e um crucifixo que estava junto ao sepultamento, provavelmente pertencente a um possível colar. Sobre a posição do esqueleto, este encontrava-se com a cabeça direcionada para o leste e os pés para o Oeste.



Foto 8 – Esqueleto 7 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 104).

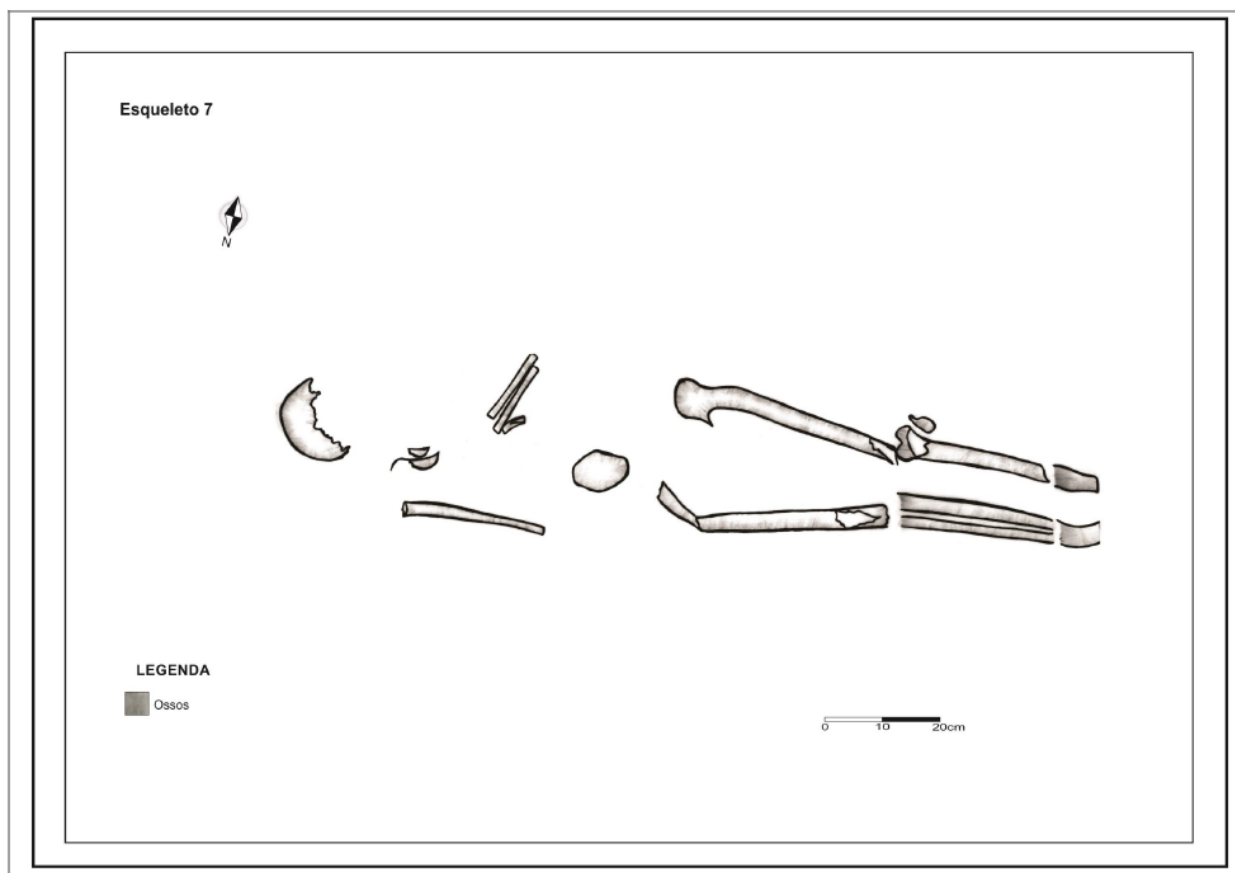


Figura 12 – Esqueleto 7 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 105). Desenho: Fernando Lopes

3.3 (Re)enterramento

A fim de preservar os valores simbólicos e religiosos que permearam e permeiam o sepultamento na Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França, a equipe de arqueologia realizou o (re)enterramento dos vestígios osteológicos. Os esqueletos foram individualmente alocados em pequenas caixas funerárias construídas na área externa e frontal da Igreja. Além disso, produziu-se croqui técnico para registro da localização das caixas funerárias. (DANTAS e OLIVEIRA, 2015)

3.4 Análise laboratorial

O material coletado nas escavações foi classificado por Dantas em dois grupos, sendo: os objetos encontrados junto aos sepultamentos e os objetos encontrados em área de refugio da igreja. As classes analisadas foram: metal, vidro, cerâmica, louça e contas de colar.

3.3.1 Metal

Na escavação arqueológica foram coletados 723 fragmentos de objetos metálicos, que após a limpeza e triagem “foi possível o reconhecimento de 281 fragmentos no que diz respeito a suas funcionalidades” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 123). Esse material foi classificado nas seguintes categorias: pregos associados aos sepultamentos, cravos, tachinhas, objetos pessoais, pregos não associados aos sepultamentos. Conforme triagem realizada, constatou-se que a totalidade do material analisado estava relacionado aos sepultamentos. No gráfico abaixo é apresentada a distribuição do material metálico associado aos esqueletos:



Gráfico 1 – Distribuição do material metálico associado aos esqueletos (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 123).

Nos esqueletos 1, 2, 4 e 5 foram encontrados tachinhas e pregos cravos, sendo que durante a escavação, como afirma Dantas e Oliveira, havia a presença de madeira e pequenos fragmentos de tecidos que compõem o conjunto mortuário. Já nos esqueletos 3 e 6 não foi encontrado material metálico, que é justificado por esses indivíduos não terem sido sepultados em caixão.

Também foram identificados dois objetos de cunho pessoal: um crucifixo (esqueleto 7), uma medalha de São Francisco (esqueleto 5) e fragmentos metálicos próximo a região do pescoço.

O material metálico não associado aos sepultados foram encontrados nas quadriculas 65D, 56 D, 51D e 37 B. Segundo Dantas e Oliveira, esse material apresenta concentrações de refugo ligados ao cotidiano.

3.3.2 Vidro

O material vítreo é composto por 823 fragmentos “provenientes de camadas que antecedem os sepultamentos e da área de deposição de refugo” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 130). No entanto, o material identificado, em sua maioria, apresentou-se muito fragmentado o que dificultou a identificação dos elementos de análise. Os vestígios passíveis de identificação foram categorizados por meio de fichas técnicas descritivas.

Dantas e Oliveira afirmam que os fragmentos da categoria vítrea estavam depositados principalmente na área de refugo e nas demais quadriculas. Estava associado a elementos provenientes de ações antrópicas de revolvimento de sedimentos para a construção da calçada ou mesmo via de circulação da Igreja.

3.3.3 Cerâmica

O material cerâmico coletado corresponde a 55 fragmentos, todos identificados na área de deposição de refugo da Igreja. Nos sepultamentos foram encontradas telhas nas camadas de aterro que precediam os enterramentos. Elas foram contabilizadas, mas não foram coletadas.

Sobre o contexto de deposição dos fragmentos cerâmicos:

Os fragmentos cerâmicos coletados encontravam se principalmente nos níveis 2 (entre 10 e 20 cm) e 5 (entre 40 e 50 cm). Predominam os fragmentos de parede e bordas dos vasilhames. O aditivo predominante é o mineral. A técnica de manufatura mais recorrente é a roletada. O principal tratamento de superfície é o alisado. E a queima predominante é a oxidante. (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 141-142)

3.3.4 Louça

Os fragmentos de louças identificados nas escavações da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França estavam presentes nos contextos funerários, no entanto com aproximadamente 10cm de profundidade. Segundo Dantas e Oliveira, devido ao nível em que foram encontrados os vestígios de louça observa-se “que a classe Louça não tem correlação com os contextos funerários” (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, P. 146). Além disso, apesar dos aspectos simbólicos da louça, estes são objetos ligados a cultura viva, sem possuir vínculos no contexto dos mortos.

O material encontrado correspondeu:

Foram identificados 18 fragmentos de louça em faiança fina, com esmalte em whiteware, sendo que cinco possuem decoração em faixas e frisos. Também foram identificados 10 peças em Ironstone. Os fragmentos de louça estão distribuídos e cinco quadriculas com profundidade máxima de 20cm, não estando associado ao contexto de sepultamento. (DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 146)

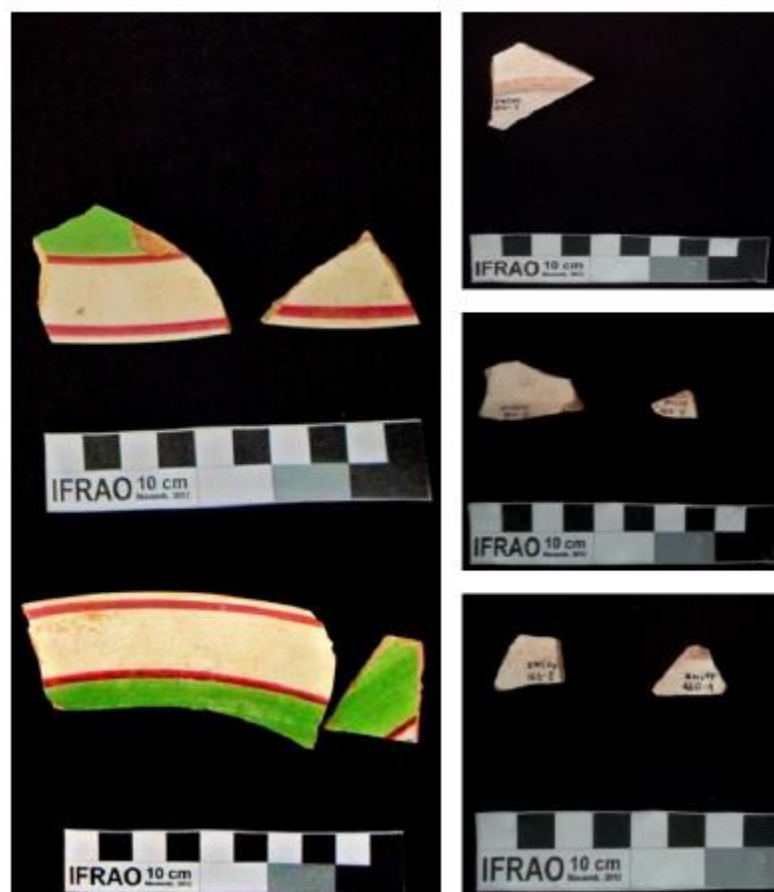


Foto 9 – Fragmentos de louça identificados (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, p. 147).

3.3.5 Contas de Colar

As contas de colar encontradas estão associadas exclusivamente ao contexto funerário, especificamente ao Esqueleto 2, Esqueleto 5 e Esqueleto 6, conforme tabela abaixo:



Gráfico 2 – Contas de colar por esqueleto (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 149).

Dantas e Oliveira, na análise laboratorial chama a atenção para a qualidade preciosa da matéria-prima das contas. O marfim foi utilizado desde a antiguidade até 1989, quando sua comercialização foi proibida. Durante longo período os objetos fabricados em marfim eram desejados e cobiçados.



Foto 10 – Contas de colar do Esqueleto 2 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 150).



Foto 11 – Contas de colar do Esqueleto 5 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 151).



Foto 12 – Contas de colar do Esqueleto 6 (Fonte: DANTAS e OLIVEIRA, 2015, p. 152).

Nesse capítulo apresentamos os dados levantados durante a escavação na Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França, bem como o material analisado em laboratório. Percebe-se a riqueza das informações obtidas na execução dessa pesquisa e a contribuição para o estudo das relações simbólicas presentes nos objetos e contextos funerários identificados. Dessa forma, no próximo capítulo discutimos e analisamos esses dados.

CAPÍTULO 4: DISCUSSÕES E ANÁLISES DOS DADOS

Neste capítulo são apresentadas as análises e discussões sobre as relações existentes no contexto arqueológico da Igreja Nossa Senhora da Penha de França na cidade Corumbá de Goiás e as possíveis hipóteses entre a dinâmica destes elementos no espaço ao decorrer do tempo. Também é abordada a cultura material e imaterial encontrada nos sepultamentos.

A Igreja Nossa Senhora da Penha de França faz parte do conjunto urbano histórico da cidade de Corumbá de Goiás, bem como representa o período do Brasil Colonial. O templo religioso católico expressava a conquista e colonização de uma região. Ao estudar a fundação de algumas cidades após 1500 percebe-se a importância dessa edificação, uma vez que os vilarejos eram formados ao seu redor.

Os locais escolhidos para a fundação de um arraial levavam em conta o fator econômico e o ambiente. No período colonial a principal fonte de renda dos colonizadores era a exploração do minério, dessa forma, a região onde está situada a cidade de Corumbá de Goiás era banhada em rios, nestes, que por sua vez, foi constatada a presença de ouro. Assim, conforme o interesse pela exploração do minério aurífero se expandia, deu-se início a formação do vilarejo.

Dessa forma, ao se tratar de uma edificação histórica é importante analisar o espaço geográfico onde está inserida. A referida edificação estudada se encontra em uma região que tem sua formação marcada pela ocupação do Sertão dos Goyazes, e que enquanto Vila preservou diversificados elementos arquitetônicos oriundos do processo colonial de ocupação.

A Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França é um testemunho dessa ocupação no período de colonização no interior de Goiás. Mas, não demonstra apenas a dinâmica de exploração do ouro, mas como a cidade se transformou ao longo do tempo, criando novos ritos e dando significados simbólicos diferentes ao espaço religioso. Como Juliani (1996) destacou, o espaço urbano é um local dinâmico, está em constante movimentação.

No contexto da Igreja Nossa Senhora da Penha de França em relação à cidade de Corumbá de Goiás é perceptível essas dinâmicas e movimentos. Tendo em vista que, o contexto urbano da cidade foi se transformando desde o século XVIII, devido à escassez do ouro e o início da atividade agropastoril na região e em todo o território central do país. As sociedades passam por esse processo de mudança que reflete em suas culturas, hábitos e rituais.

Essas mudanças impossibilitam a realização de um estudo do contexto de uma sociedade em sua totalidade. Isso porque um indivíduo que viveu no século XVIII e início do século XIX

possuía uma cultura, com símbolos, ritos e crenças diferentes do comportamento de um indivíduo no tempo presente. Os espaços e os tempos são dinâmicos, assim como a cultura também é.

Mesmo que nos dias de hoje, se perceba que as pessoas buscam manter as suas crenças, culturas e rituais, a forma como cada indivíduo trata essas relações será diferente. Se mantém as padronizações, mas o contexto já não é mais o mesmo, tendo em vista que a cultura é dinâmica. Portanto, é importante ressaltar que existem outros elementos ocultos que influenciam esses indivíduos a quererem manter e preservar essas culturas que já não são do seu contexto social. Compreende-se que isso acontece devido ao sentimento de identidade e pertença desses indivíduos, e mantendo essas ações é uma forma de conservar lembranças de um passado que já se foi. Reafirmando assim suas crenças, valores e o vínculo social, mesmo após a morte.

Em meados dos anos de 1733, a referida igreja foi inicialmente construída. A construção dessa nova casa de Oração foi realizada de modo que sua fachada ficasse direcionada para o nascente do sol, ou seja, para o leste, em um ponto alto, de modo que pudesse ser vista de longe, onde então, foi construído o primeiro núcleo urbano da cidade. Surge a primeira simbologia quanto à localização geográfica.

Já no final do século XIX, a escassez do ouro e as mudanças de atividades dessa sociedade fez com que outros modos e relações estabelecidas entre esses grupos sociais pudessem ser observadas. Uma vez em contexto arqueológico, essas transformações temporais resultam diretamente na cultura material, evidenciando assim uma simbologia e a forma de interpretação. Sendo o caso dos vestígios encontrados na Igreja Nossa Senhora da Penha de França, que permitiram compreender as características sociais da sociedade goiana do século XVIII e XIX.

Uns dos principais vestígios encontrados nas escavações da Igreja Matriz foram os sepultamentos. A partir deles pode-se observar a prática ritualística, a forma de deposição, os objetos sagrados dos indivíduos que viveram no período colonial na cidade de Corumbá, bem como a relação entre o sagrado e a morte.

Conforme apontado por Rodrigo e Lima (2017), cabia a Igreja fazer a mediação e a aproximação entre os indivíduos e a santidade. Para alcançar a santidade e a salvação, a igreja era a intercessora junto aos santos e uma das formas de se realizar essa aproximação estava relacionada as práticas de sepultamento. Nesse caso, ao ser enterrado dentro da Igreja ou ao seu redor, o indivíduo estava garantido sua aproximação com Deus e conseqüentemente sua santidade. No Brasil entre os séculos XVIII e XIX, as Igrejas representavam o espaço sagrado

nos quais eram depositados os mortos. No interior da Igreja eram sepultados os membros do clero, mas “com o tempo criaram-se as condições necessárias para que a morada dos vivos, os fiéis, também fossem igualmente a morada dos mortos” (RODRIGO; LIMA, 2017, p. 2).

A igreja como local de sepultamento foi amplamente criticado no século XIX, quando as medidas higienistas ressaltavam a preocupação sanitária ao enterrar uma pessoa em um espaço regularmente utilizado pelas pessoas. Na França os médicos afirmavam que os enterros praticados dentro das Igrejas produziam gases e odores que disseminavam doenças (RODRIGO; LIMA, 2017, p. 6). Isso fez com que os enterros passassem a ser realizados em cemitérios privados. Claro que esse processo de deslocamento dos sepultamentos não foi rápido, e muitos padres, mesmo com as medidas proibitivas, ainda realizaram o enterramento quando os fiéis deixavam em seus testamentos posses para a paróquia. Cabe ressaltar, que era proibido “comprar” um espaço na Igreja para o enterramento, mas isso não impedia os párocos de orientar os fiéis para que deixassem em testamento “esmola” para a Igreja.

Como foi apresentado no capítulo anterior, a análise dos dados laboratoriais fez com a interpretação e compreensão destes contextos de sepultamentos acompanhados de rituais, fossem melhor compreendidos. O sepultamento é uma forma de manter vivas as memórias e um modo de reverenciar o morto, que de alguma forma foi importante para esse grupo e essa sociedade. Então, o ato de fazer esses acompanhamentos e a forma de “deposição” desses corpos faz com que esse ritual se torne algo memorável.

Quando falamos da morte e de suas correlações, existem diversas disciplinas que tratam das singularidades de cada contexto. Uma delas é a respeito da morte quanto fator biológico, onde acabam todos os sinais vitais de um corpo, biologicamente falando, cessa as funções vitais. Outro ponto seria o fator social, onde aquele indivíduo que estava ativo na sociedade e possuía várias identidades sociais, ela se transforma, ou seja, a partir do momento em que uma pessoa morre ela perde essas relações quanto pessoa em sociedade. Perdendo assim, títulos, papéis e identidades, é o que chamamos de *persona social*. E por último, o fator cultural, onde já não depende mais do indivíduo vivo, mas quanto à relação das pessoas ao lidar com essa morte. Que envolve em conjunto de práticas culturais, sociais, rituais, simbólicas, religiosas, onde elas são intencionais e seletivas. São resultados de vontades e seleções executadas pelos vivos.

A morte nessas três categorias gera exatamente esses vestígios e expressões humanas que são evidenciados nas escavações. Essas ações humanas que são realizadas em relação às mortes

têm uma série de significados e funções, possuindo assim, fatores, sociais, econômicos, políticos, religiosos ou simplesmente uma crença ou rituais individuais. Nos sepultamentos presentes na Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França podemos observar essa gama de particularidades?

Os rituais são ações e atitudes humanas que são padronizadas e que devem ser seguidas e executadas, numa determinada ordem para ter uma determinada função. Mesmo que exista esse conjunto de ações padronizadas, cada ação possui práticas e características que são individuais e a particulares do momento e do contexto geográfico e cronológico em que são executadas. Cada ritual tem sua particularidade, mesmo envolvendo os aspectos comuns e padronizados.

Neste sentido, podemos compreender o motivo dos sepultamentos da Igreja Nossa Senhora da Penha de França possuir diferentes acompanhamentos, posições de deposição e até mesmo suas particularidades. Todos os sepultamentos evidenciados possuem um mesmo padrão de acompanhamentos, porém suas identidades, particularidades e individualidade são preservadas. Abrindo assim as possibilidades de interpretação. Pois, dentro dessas práticas rituais padronizadas, existem conjuntos com determinadas singularidades que vão permitir levantar elementos identitários de cada sociedade.

Ao analisar os dados do esqueleto 7, onde foi identificado junto aos seus ossos um crucifixo e uma medalha de metal referente a São Francisco, podemos ratificar a relação cristã na qual o indivíduo pertencia. Porém, como dito acima, o contexto da cidade nos leva a concluir que trata-se de um contexto influenciado pela prática cristã, porém com diversas particularidades.

Esses contextos funerários e essa cultura material possuem alguns aspectos que valem ressaltar, uma dessas características serem incompletas e imparciais, ou seja, os objetos encontrados neste contexto são sempre uma parte do todo, nunca estão em sua totalidade, trata-se de seu desgaste, sua deteriorização e sua decomposição natural e acaba por se perder partes. Tanto os materiais desses contextos quanto os ossos desses indivíduos. O estudo desses materiais é uma parte de um todo, de um conjunto de rituais.

As ações intencionais e seletivas também é outra característica importante, uma vez que alguns sepultamentos desse contexto apresentam esses aspectos. Desde o neolítico, os indivíduos separam seus espaços geográficos destinados aos sepultamentos, até mesmo nos dias de hoje, dentro de algumas metrópoles ainda existem essas classificações, ou por faixa etária, sexo ou grupos familiares.

A deposição e disposição dos corpos, que é observável nas escavações, possui uma parcela inobservável que inclui o comportamento dos vivos gerado pelo fenômeno da morte. Assim, determinadas formas de disposição dos corpos identificados serem de crianças e adultos, podem inferir possíveis diferenças entre grupos no interior deste mesmo cemitério.

Nas escavações somente um esqueleto foi identificado como adulto pela equipe responsável pelas escavações. Este, por sua vez, estava em posição cristã, onde os pés estavam para o leste e a cabeça para o oeste. Os demais esqueletos, identificados como crianças de 7 a 12 anos estavam sepultadas em sentido oposto. Nesse contexto, abre-se várias discussões e hipóteses em relação a esse ritual.

Uma hipótese levantada por Dantas e Oliveira (2015) é que as crianças foram sepultadas de frente ao Altar Mor no mesmo sentido que os fiéis, assim como se estivessem “visualizando” e “recebendo” orações sagradas. Nesse caso, a construção da Igreja Matriz influenciou na disposição dos corpos. Outro pressuposto seria a possível influência dos europeus, onde seus cemitérios seguiam a configuração dos cemitérios eclesiásticos, onde os corpos eram enterrados horizontalmente para “dormir” até a Ressurreição. Assim, estariam orientados leste-oeste. Com os pés orientados para o leste, que segundo a crença cristã, no dia do Juízo, o Anjo Gabriel apareceria no leste e os espíritos dos mortos se levantariam das covas encarando todo o oeste. Portanto, não é possível, porém, afirmar que as crianças sepultadas de forma contrária não eram socialmente classificadas como cristãs, pois foram encontrados vestígios associados à religiosidade católica junto aos restos esqueléticos.

Outra perspectiva que justifica os enterramentos dos corpos das crianças dessa forma, é que estas eram consideradas como anjos, então sua posição ao ser enterrada era tão sagrada quanto a dos padres. Ao ser enterrado com a cabeça direcionada ao Altar Mor, acreditava-se que o indivíduo receberia a intervenção do santo na pós-morte. Percebe-se que nos enterramentos coloniais a disposição dos corpos era de acordo com o papel social do indivíduo que estava sendo sepultado.

Deste modo, verifica-se como os rituais fúnebres estavam repleto de hierarquias, em que no período colonial leva-se em conta o poder aquisitivo do indivíduo, seu papel social, sua faixa etária. Para Rodrigo e Lima (2017, p. 7), existe um equívoco na frase que a morte iguala os homens, sendo a igualdade visto só no discurso, pois na prática a morte acentuaria as diferenças sociais.

Outra característica presente nesses contextos é de que essa cultura é multifacetada, ou seja, ela não é formada por um único tipo de registro. A conservação desses objetos materiais e ósseos remetem também o tipo de deposição que esse corpo teve, dependendo da matéria prima usada em caixões e covas, o estado de conservação nesse contexto será melhor, indicando também, outras práticas culturais. Como por exemplo, o esqueleto 7 encontrado nas escavações, acompanhado de vestígios de madeira, reforçando assim tais influências cristã.

Como já dito, a influência cultural dos vivos pode ter refletido nos sepultamentos, uma vez que, essa sociedade como um todo reafirma suas crenças e seus rituais por meio da morte de um dos seus entes.

Outra categoria de pensamento presente na escavação da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França são os objetos caracterizados como dos vivos e aqueles que são considerados dos mortos. Como apontado no capítulo 3, nas escavações não foram encontrados apenas vestígios relacionados aos sepultamentos, mas também foram identificados vestígios nas áreas de deposição de lixo. Esses objetos estão na classe vítrea, cerâmica e louça.

Ao tratarmos do material vítreo e cerâmico encontrados na pesquisa nota-se que um número significativo de peças vítreas estava na área de deposição de refugio e outras peças fragmentas de vítreo e cerâmico estavam presentes em quadrículas, porém tratava de ações antrópicas. Descontextualizando assim, esses objetos dos sepultamentos. Já a louça identificada também não estava relacionada aos sepultamentos, uma vez que não correspondia ao mesmo período do contexto arqueológico. Não inferindo assim nos tipos de rituais fúnebres presentes.

Percebe-se assim, que este material pode ter sido descartado de maneira natural, conforme o espaço da Igreja foi recebendo reformas. Por se tratar de uma edificação que está em constante movimentação, são encontrados vestígios de períodos diferentes, com significados e usos diversos. Os vivos estão constantemente dando significados aos espaços e objetos utilizados em diferentes períodos, em que são classificados o que é simbolicamente sagrado ou não, ou aquilo que está direcionado aos ritos fúnebres.

O estudo arqueológico da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França possibilita diferentes discussões, pois trata-se um local que foi (re)significado em diferentes períodos e com diversos contextos. Mas, quando tratamos especificamente da sua importância enquanto um sítio histórico, revela-se a dinâmica social e cultural dos indivíduos ao longo do tempo. Temos assim, o estudo das práticas mortuárias, os objetos descartados e que não estão relacionados aos

sepultamentos, as relações construídas entre o religioso e a morte. É um leque de possibilidades e uma riqueza do patrimônio arqueológico brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa de conclusão de curso tivemos como principal objetivo estudar os depósitos arqueológicos relacionados com a Igreja Nossa Senhora da Penha de França, localizada na cidade Corumbá de Goiás. Esse estudo baseou-se em diferentes correntes teórico-metodológicas, tendo em vista que tratamos de vestígios arqueológicos distintos, que cada qual necessitou de uma abordagem. Dessa forma, trouxemos contribuições no campo da Arqueologia Urbana e da Arqueologia das Práticas Mortuárias. Essas discussões demonstraram como o desenvolvimento e crescimento das teorias e metodologias da Arqueologia vem auxiliando e ampliando os contextos que podem ser analisados e estudados com o uso da interdisciplinaridade.

Os depósitos analisados estão relacionados, em âmbito geral, a prática de sepultamento na Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França. Assim, buscou-se compreender o espaço da Igreja quanto à deposição e a disposição dos corpos, as suas simbologias e os rituais cometidos pela sociedade em relação aqueles entes que ali foram sepultados. Para cumprir com esse objetivo foi necessário apresentar o processo histórico e etnográfico de formação da cidade de Corumbá, as referências metodológicas e os dados obtidos durante a escavação da Igreja e análise de laboratório, para então, desenvolvermos reflexões e discussões sobre esses depósitos.

No primeiro capítulo deste trabalho salientamos a forma em que a cidade de Corumbá foi construída e conseqüentemente a disposição do território quanto aspectos sociais. A posição intencional da Igreja, seus momentos de ocupação e as transformações ao longo dos anos. Neste sentido, compreendendo a forma em que os indivíduos que ocuparam aquele espaço foram lidando com as modificações tanto sociais quanto econômicas, uma vez que, em meados do século XVII ao século XX, o território central do país passou por diversas mudanças que acarretaram significativas mudanças comportamentais e sociais, principalmente a influência dos europeus aos grupos indígenas.

As abordagens teóricas foram essenciais para fundamentar as discussões apresentadas, pois a arqueologia, enquanto uma disciplina da ciência, necessita de baseamentos e fundamentos que possibilitem novas interpretações. Sabemos que o arqueólogo infere nessas interpretações, o que torna relevante um suporte teórico e metodológico.

No campo da arqueologia urbana foi possível entender o espaço ocupado, as formas de mudanças e a relação cidade-sítio e sociedade. A Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França trata-se de um espaço preservado, um bem tombado pelos órgãos competentes, e faz parte

de uma sociedade ativa, que percebe esse bem como um componente de uma esfera de suas raízes, dessa forma cuidando e preservando esse espaço.

Quando falamos em arqueologia mortuária, vale lembrar que esse conceito vem sendo repensado ao longo dos anos por diversos pesquisadores, por tratar-se de uma arqueologia voltada não somente para as práticas mortuárias, mas também para o conjunto de culturas imateriais que são perceptíveis nos contextos fúnebres. Neste sentido, neste trabalho a arqueologia mortuária se fez fundamental para que compreendêssemos a forma em que esses rituais são feitos, a maneira em que as religiões inferem nas práticas rituais e que são passadas de geração por geração, se tornando uma tradição social. Podemos perceber essas inferências no capítulo 3, onde apresentamos os dados obtidos por Dantas e Oliveira 2015, nas escavações realizadas, nos contextos funerários e nas demais áreas da Igreja.

E para concluir a discussão dos dados, no capítulo 4, foi feita de maneira que a compreensão desse trabalho não se resumisse apenas na apresentação de dados, mas também, para que abrisse para maiores discussões interdisciplinares.

Dessa forma, através dos objetivos alcançados, nos levam a pensar sobre a forma em que as pessoas buscam manter as suas crenças, culturas e rituais nos dias de hoje, mantendo essas padronizações, mesmo o contexto não sendo mais o mesmo, tendo em vista que a cultura sempre será dinâmica.

A presente pesquisa contribuiu para a reflexão dos depósitos da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha de França, percebendo a complexidade e riqueza dos vestígios arqueológicos, que permitem inferir sobre a cultura material daqueles que viveram em Corumbá de Goiás. Assim, evidenciou-se que o sepultamento é uma forma de manter vivas as memórias e um modo de reverenciar o morto, que de alguma forma foi importante para esse grupo e essa sociedade. Então, o ato de fazer esses acompanhamentos e a forma de “deposição” desses corpos faz com que esse ritual se torne algo memorável. Nesse sentido, a influência cultural dos vivos pode ser refletido nos sepultamentos, uma vez que, essa sociedade como um todo reafirma suas crenças e seus rituais por meio da morte de um dos seus entes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIER, O Poder Simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

CARVALHO, Leandro. "História de Goiás"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/historia-goias.htm>. Acesso em 04 de setembro de 2020.

COSTA;D. M. **O urbano e a arqueologia: Uma fronteira transdisciplinar**. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, vl 8 | n2. 2014.

CRESSEY, P. J. **The City as a Site: The Alexandria Model for Urban Archaeology**. Paper Presented at the 19th Annual Meeting of the Historic Sites Conference, Old Salem, North Carolina, 1978.

CRISTANTE, M. A. P. **Arqueologia das práticas mortuárias de grupos Tupinambá e Guarani**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE-USP, 2018.

CURADO, R.**História, Memória e Identidade nos Arraiais de Corumbá e Meia Ponte, Estudo Comparado de Núcleos Urbanos (1730-1850)**. Dissertação de Mestrado (29.12.1999)

CURADO, R. **Corumbá de Goiás; estudos sociais**, Brasília Editora Ser, 1996.

DANTAS, Cristiane Loriza. OLIVEIRA, Fernanda Fonseca Cruvinel. **Relatório Final do Projeto de Acompanhamento, Monitoramento e Resgate das Obras de Restauração da Igreja Nossa Senhora da Penha de França**. Goiânia: Marsou, 2015.

HIGA, Carlos César. "**Entradas e bandeiras**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/entradas-bandeiras.htm>. Acesso em 04 de setembro de 2020.

JULIANI, L. de J. de C. O. **Gestão Arqueológica em Metrópolis : uma proposta para São Paulo**. Dissertação de Mestrado –(Universidade de São Paulo-USP), São Paulo, 1996.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEMOS, C. **O que Patrimônio Histórico**. São Paulo, editora. Brasiliense. 1981.

LIMA, Elder Rocha. **Notícias de Corumbá de Goiás**. Brasília: IPHAN, 2012.

MENDES, ROCHA Leandro. **Atlas Histórico: Goiás Pré-Colonial e Colonial**.2001.

MELLO; M. A. da S. **Sistemas Construídos e Memória Social: Uma Arqueologia Urbana**. In: *Revista de Arqueologia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v.2, n.2, p.46-50, jul/dez.1984.

RIBEIRO; M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

SILVA; S.F. M.S. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-Históricos do Litoral do Estado de São Paulo**. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2005.

SOUZA, S. M. F. M, de; WESOLOWSKI; V.; LESSA; A.; RODRIGUES; C. **Escavar e interpretar lugares de deposição dos mortos**. Erechim, RS: Habilis, 2013.

STASKI, Edward. **Advances in Urban Archaeology**. IN: SCHIFFER, Michael B. (Ed.) **Advances in Archaeological Method and Theory**. New York/London: Academic Press, 1982. Pp. 97-149

SANTOS, F. R. ; LIMA, J. J. S. . **Uma abordagem historiográfica das práticas de sepultamento entre os séculos XVIII e XIX: estudo de caso da igreja de Mazagão Velho**. In: III Encontro dos discentes de História da UNIFAP, 2017, Macapá. **Anais do III Encontro dos discentes de História da UNIFAP**, 2017.

SANTOS, Rodrigo Martins dos. Os índios na cartografia histórica de Goyaz. In: SILVA, Elias Manoel da; JÚNIOR, Wilson Vieira (org.) **Goyaz: Guia de Cartografia Histórica**. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2018.

SCHNEIDER, Cristina Seibert. **As cidades de tempos lentos: o patrimônio cultural entre sinais de letargia e lucidez**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grane do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2017, 345p.

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Nádla Belga Alves Oliveira, do Curso de Arqueologia, matrícula: 2018.2.0064.002.7, telefone: (62) 99604-6010 e-mail: nadlabelga@yahoo.com.br, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **OS DEPÓSITOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS COM A IGREJA NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇACORUMBÁ DE GOIÁS**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de junho de 2021.

Assinatura do(s) autor(es):

Nádla Belga Alves Oliveira

Nome completo do autor: Nádla Belga Alves Oliveira

Assinatura do professor-orientador:

Cristiane Loriza Dantas

Nome completo do professor-orientador: Ma. Cristiane Loriza Dantas